



INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

fase #1 / 27072018



APRESENTAÇÃO

Inventário dos Bens Culturais de Camaragibe

O patrimônio está vivo, se transforma... Ele é (re)inventado o tempo todo.

Evoé!

Vem participar, meu povo!

Os bens culturais de um lugar, sejam materiais ou imateriais, são expressões genuínas da identidade cultural de um povo. Em constante mudança, vão adquirindo outros significados de geração em geração, o que garante a inventividade e criatividade inerentes ao saber-fazer de cada comunidade. Inventariar, consiste em estratégia para a perpetuação dos bens culturais, num tempo onde as mudanças se impõem com intensidade e os contatos interculturais têm ganhado contornos mais evidentes – sobretudo com o advento da digitalização e virtualização da vida.

O Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe (Inventário Camaragibe) é fruto do esforço coletivo realizado pela sociedade civil, sociedade civil organizada e fundação de cultura de Camaragibe em registrar aspectos únicos que compõem a história social do município. O inventário participativo permite, nos limites de sua feitura, que os sujeitos produzam conhecimento através de vivências investigativas expressas nos critérios da educação patrimonial do Instituto Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Esta ferramenta permite que os agentes culturais envolvidos possam partilhar ativamente da reconstrução narrativa de suas realidades, criando conexões múltiplas que visam fortalecer o pertencimento cultural com a sua localidade. A 1ª fase do Inventário Camaragibe é resultado da produção de conhecimento e sensibilização da comunidade, provocada a se envolver e entrar em contato com a pesquisa de campo, levantamento de dados, sistematização, interpretação e difusão de informações sobre as referências culturais que formam o patrimônio cultural da cidade. Aqui, se apresenta um exercício de cidadania e participação social, onde os resultados visam cooperar para a implantação de políticas públicas que priorizem a preservação e valorização dos bens culturais de Camaragibe. Os textos apresentados são frutos da dinâmica própria dos grupos de trabalho e expressam o esforço das pessoas envolvidas em reconhecer, registrar e cuidar daquilo que entendem por bem cultural.

Assim, o intuito é menos de apresentar um compêndio de informações onde tenham sido catalogados o maior número de informações sobre as pessoas e as coisas. Muito menos refutar a infida tarefa de sistematizar dados “completos” – a história de tudo. Aqui, as informações revelam o envolvimento e aprendizado dos agentes culturais com o inventário que interessa informar à população e órgãos competentes sobre a dimensão patrimonial que o município dispõe. Que as linhas na qual esta pesquisa foi escrita possam reforçar o sentimento nativo das pessoas sobre os bens culturais da cidade e que sirvam para o chamamento de todas e todos para garantirmos a preservação e perpetuação do patrimônio cultural em Camaragibe!

Histórico

Atendendo ao pedido da Fundação de Cultura de Camaragibe (CULTURA Camaragibe), a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Pernambuco (IPHAN-PE), ofereceram uma capacitação para construção de inventários culturais participativos em julho de 2017, a partir da metodologia desenvolvida pelo IPHAN Nacional. Foram dois dias de curso onde estiveram presentes, além de membros da CULTURA Camaragibe, representantes da sociedade civil, sociedade civil organizada e do Conselho Municipal de Cultura de Camaragibe (CMCCPE).

Com o objetivo de identificar e registrar o patrimônio cultural da cidade de Camaragibe, inicia-se em agosto de 2017 as reuniões abertas aos interessados em colaborar na formação de um grupo de trabalho para realização do Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe (Inventário Camaragibe), a partir da metodologia repassada em capacitação.

Ao longo de 12 meses de trabalho, foram 30 reuniões presenciais, 134 bens culturais elencados, sendo 15 destes inventariados, o que corresponde à Fase I da pesquisa, resultado apresentado à sociedade em julho de 2018 (12%).

Equipe

Facilitadoras

Amanda Paraíso (Fundarpe), Jacira França (Fundarpe), Juliana Cunha (IPHAN-PE)

Monitores

Josivan Rodrigues (CULTURA Camaragibe), Larissa Fonseca (CULTURA Camaragibe)

Sociedade Civil

Albertino Neto, Alberto Silva de Carvalho, Alex Monte, Alexandre Borba, Aliny Stéphane, Ana Wilma Pereira da Silva (MPTC), Ângela Vidal, Angélica Nascimento, Antonio Paulino da S. Neto, Bianca Castro, Carina Jéssica de Souza, Carla Maria de Almeida, Carlos André, Cássio Raniere R. da Silva (Antropologia-UFPE), Cláudio Aprígio (FLor Camará), Davi Luis, Cristiano Halley da Silva (Soul do Alto), Diego Rodrigues (Arqueologia-UFPE), Edneide Maria Gomes (MPTC), Elizabete Barros da Silva (SOul do Alto), Enrique José de Andrade Pereira, Érica Vanesca M. B, Francisco Peixoto Maciel Filho, Gentil Gonçalves dos Santos, Gilmar Cesar Camará (MPTC), Gláucia Bruce, Helena Wictória L. de Santana, Ítalo Guedes, João Inácio Ferreira, Joao Paulo Nascimento de Lucena, Josenita Duda, Júlia Hipólito Campos, Kerolayne Gomes da Fonseca, Luis Carlos Soares, Luiz Henrique de Melo, Marcos Roberto da Silva, Maria Lucia Collier, Mauro S. P. da Silva (CMCCPE), Milena Valença Borba, Olga Cristina de Souza Cabral, Paulo Fernando de Oliveira, Renan Dyogo Leite Ferraz, Renata Oliveira Barbosa, Ricardo da S Pinheiro, Rivaldo Borba, Rodrigo Farias, Roma Júlia da Silva, Rosemary Feitosa Camará (MPTC), Silvio Romero Lima, Tainã Moema Espíndola, Tereza Cristina Collier, Veronaldo Ferreira, Ysolda Cláudia Coutinho.

Fundação de Cultura de Camaragibe

Albino Baru (Música), Aldo Pessoa (Financeiro), Amauri Lins Silva (Comunicação), André Gustavo Soares (Design Gráfico), Ângelo Fábio (Artes Cênicas / Diretor do Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro), Charles Figueiredo (Jurídico), Cláudio Vital (Financeiro), Clerrrom Moreira (Artes Cênicas), Ellis Regina A. de Souza (Artes Cênicas), Fabiana Bezerra (Jurídico), Felipe Souza (Comunicação), Flora Noberto (Comunicação), Gilberto Seino (Cine Teatro Bianor), Ialy Cintra (Biblioteca Penarol), Jarmeson de Lima (Assessoria / Literatura), José Marccone Jimmy dos Santos (Biblioteca Penarol), Josivan Jota Rodrigues (Patrimônio / Fotografia), Karol Pacheco (Comunicação), Késsia Oliveira (Administrativo), Larissa Fonseca (Patrimônio), Laudeci Nanci Preta (Serviços Gerais), Márcio Souza (Vice-presidente), Olímpio Costa (Presidente), Prazeres Barros (Eventos), Renata Queiroz (Biblioteca Penarol), Severino Brisola A. R. de Santana (Cine Teatro Bianor), Silvia Tereza (Galeria Vila), Thâmisa da Hora (Comunicação / Audiovisual).

Lista de bens a serem inventariados

Foram listados, até o momento, 134 bens a serem inventariados pelos integrantes do grupo do Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe. Destes, 15 (quinze) bens já estão devidamente identificados e registrados e aparecem nas listagens a seguir, divididas por categoria, *em destaque**. Estas listas são abertas, novos itens podem ser sugeridos pelos participantes do grupo.

LUGARES (09/58 itens)

1. Academia Pernambucana de Letras
2. Açude da Mata
3. Açude São Bento
4. Açude Timbi
5. Aldeia
6. Alto do Pe. Cícero
7. Antigo Clube da Mesbla
8. Associação das Mulheres Entendidas de Pernambuco
9. *Barracão da Vila Operária**
10. Cabaré Cabeçudo
11. Cabaré de Biu Marreco
12. Cabaré de Bonifácio
13. Cabaré Girassol
14. Cabaré Pimentão
15. Cachoeira Queda d'água
16. Casa das Irmãs da Sagrada Família
17. Casas da Fábrica
18. Cemitério Municipal
19. Centro Comunitário Vivendo e Aprendendo
20. Centro Social Urbano Paulo Guerra
21. Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro
22. Convento das Carmelitas
23. *Engenho Camaragibe**
24. *Engenho Timbi**
25. *Escola da Irmãs da Sagrada Família (Escola José Collier)**
26. Escola Samuel Macdowell
27. Espaço das Memórias de Zé Negão
28. Estação do Timbi
29. Estação Ferroviária Camaragibe (Estação Nova)
30. Estação Macacos
31. Fantainha
32. FOPE / Seminário Nordeste
33. Geladinho (Riacho)
34. Gruta Bar
35. *Gruta Nossa Srª de Lourdes**
36. *Guarany Esporte Clube**
37. Hospital Alberto Maia
38. Hospital Dr. Domingos Sávio
39. Hospital geral de Camaragibe
40. *Igreja do Sagrado Coração de Jesus**
41. Mata do Flamengo
42. Mata do Privê Vermont
43. Mercado Público de Camaragibe
44. Pedra da Baleia
45. Penarol Esporte Clube
46. Ponte do Balde
47. "Pontilhão que o trem não passou"
48. Prédio da Sede da Banda / Centro de Criatividade Musical Raminho do Trombone
49. Propriedade da Mata do Jorum
50. *República dos Solteiros I e II**
51. Rio das Pedrinhas
51. Rio do Flamengo
53. Rio Pacas e Azeitonas
54. Rio Três pau (Nascente)
55. Rua Eliza Cabral de Souza
56. SESI (Escola dos Irmãos Maristas)
57. Vila da Fábrica
58. Villa Timbi

OBJETOS (01/10 itens)

1. Acervo da família Correa de Araújo
2. Acervo dos objetos vendidos na cooperativa
3. Acervo fotográfico e documental da família Menezes Collier (FUNDAJ)
4. Acervo pedagógico da escola das freiras
5. Casa da Farmácia de Maria Amazonas
6. Ilu (tambor afro pernambucano / camaragibense)
7. Maquinário da fábrica
8. Medalhão de São Bento
9. *Pedra da Gruta**
10. Trem

CELEBRAÇÕES (01/06 itens)

1. Caminhada da oxum*
2. Candomblé
3. Carnaval de Camaragibe
4. Dia da corporação
5. Festa da Gruta
6. Procissão de Santa Maria de Rodat

FORMAS DE EXPRESSÃO (01/21 itens)

1. Boi Alvi Rubro
2. Boi Camará
3. Boi Rubro Negro
4. Boi Tricolor
5. Caboclinho Canindé de Camaragibe
6. Caboclinhos
7. Capoeira
8. Catucá e Terreiro de Bamba
9. Coco
10. Escola de Samba Águia Dourada
11. Escola de Samba Couro de Gato*
12. Escola de Samba Demônio da Favela
13. Escola de Samba Estrela do Mar
14. Escola de Samba Império do Samba
15. Escola de Samba Juventude do Samba
16. Escola de Samba Unidos de Teresópolis
17. Escola de Samba Unidos do Santana
18. Escola de Samba Vá por Mim
19. Hip hop
20. Pastoril
21. Terreiros

SABERES (00/8 itens)

1. Artesanato
2. Ervas medicinais
3. Fon be
4. Rezadeiras
5. Saberes produtivos dos operários
6. Tapeçaria
7. Yoruba
8. Parteiras

PESSOAS (03/31 itens)

1. Beto Hortis*
2. Breno Silva
3. Cacique Luna
4. Carlinho (das Quadrilhas)
5. Carlos Alberto de Menezes
6. Dona Dóra
7. Dona Lúcia (Mãe Lúcia/Bruxa da Mata)
8. Dudé do Coco
9. João Batista de Moura (músico e compositor)
10. Joel Lucas (político)
11. José Antônio Guerra
12. Josenita Duda (feminista)
13. Jota do Acordeon*
14. Lília Collier
15. Maria Aliete (costureira)
16. Maria Anita Amazonas Macdowell
17. Mestre Juarez
18. Mestre Zé Negão
19. Nía
20. Pe Hipólito
21. Seu bibiu
22. Seu Borba*
23. Seu Mariano (do urso)
24. Seu Nê (Pai Nê)
25. Seu Nequinho
26. Seu Oswaldo
27. Valdomiro
28. Vera Galvão
29. Zé dos Santos (curandeiro)
30. Zé Negão
31. Lima (primeira guitarra de Camaragibe)

Lista de bens inventariados

CELEBRAÇÕES

Caminhada de Ossun

República dos
Solteiros

FORMAS DE EXPRESSÃO

Escola de Samba Couro de Gato

OBJETOS

Pedra da Gruta

LUGARES

Barracão da Vila
Engenho Camaragibe
Engenho Timbi
Escola José Collier
Fábrica de Tecidos
Gruta Nossa Senhora de Lourdes
Guarany Esporte Club
Igreja do Sagrado Coração de Jesus

PESSOAS

Beto Hortis
Jota do Acordeon
Seu Borba

Pessoas Entrevistadas

Beto Hortis
Cláudio Aprigio
Dona Alzira
Dona Neuza
Dudé do Coco
Gilmar Camará
Jota do Acordeon
Luis Carlos Soares (Carlinho das
Quadrilhas)
Maria Cecília Amazonas Macdowell

Maria Digna
Maria Helena
Quinha do Guarany
Seu Borba
Seu Dehon
Seu Dida
Seu Francisquinho
Seu Joca
Sílvio Romero
Zé Ó
Zezinho

Maiores Informações e Contato

Este material e demais dados e documentos do Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe podem ser acessados física ou digitalmente a partir das cópias disponíveis na Biblioteca Municipal Penarol, na Fundação de Cultura de Camaragibe e com o grupo de trabalho do mesmo.

Biblioteca Municipal Penarol

Rua Severino Santos, 251, Vila da Fábrica, Camaragibe
(81) 3458-5950

Fundação de Cultura de Camaragibe

Avenida Doutor. Pierre Collier, s/n, Vila da Fabricao, Camaragibe/PE
fundacaodecultura@camaragibe.pe.gov.br
camaragibecultura@gmail.com
(81) 3484.2687

Grupo do Inventário Camaragibe

patrimoniocamaragibe@gmail.com

“Os movimentos de resistência do povo negro da cidade de Camaragibe (MPTC/MNU), traz ao conhecimento de todos o trabalho realizado no Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe. Nossa participação visa colaborar para o mapeamento e valorização da cultura afro-indo brasileira para o fortalecimento de políticas em favor da diversidade humana e contra a intolerância religiosa e o racismo. Assim, esperamos que esta 1ª etapa do trabalho, possibilite a difusão de políticas públicas que estejam atentas à diversidade religiosa da cidade, bem como, à perpetuação da memória e cultura do povo negro, seu pertencimento religioso e sua ligação com a cultura popular no município.”

Movimento dos Povos Tradicionais da Cidade / Camaragibe (MPTC-Camaragibe)

“Como munícipe ativa dessa cidade, tive interesse em acompanhar esse processo de registro dos bens da cidade. Camaragibe teve, pela primeira vez, um trabalho aberto ao público interessado na dinâmica de registro das mudanças geográficas, fotográficas e de conservação de algumas áreas da cidade. Fui surpreendida com conhecimentos mais profundos de lugares, que até então pareciam-me comuns e com relatos de personagens que nos revelaram riquezas de detalhes e "causos" que enriqueceram nossas pesquisas, tais como: Engenho Timbi, Escola de samba Couro de Gato, Casarão de Maria Amazonas e outros. Tive a satisfação de conhecer e conviver num curto, mas produtivo espaço de tempo, com representantes de vários movimentos sociais da cidade, funcionários dessa e de outras gestões, assim como, munícipes que, como eu, querem fazer parte do registro histórico e social dessa cidade. O inventário participativo é, sobre tudo, uma afirmação de que há cidadãos que não estão apáticos às mudanças físicas e principalmente patrimoniais da cidade de Camaragibe, e que existe uma preocupação com o legado das futuras gerações frente às mudanças bruscas e, por vezes, arbitrárias dos últimos anos.”

Renata O. Barbosa;

Licenciatura plena/UPE, Estudante do Curso de Eventos/ETE, moradora do Bairro Novo/Camaragibe-PE

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

*** CULTURA ***
CAMARAGIBE

CELEBRAÇÕES

Caminhada de Osun



História

Com a luta em pró da visibilidade e do respeito às religiões de matriz africana, o movimento dos povos tradicionais das cidades enfatiza o combate ao racismo, à intolerância religiosa, a discriminação de gênero e orientação sexua, contando com a participação de membros da comunidade tradicional e de terreiros do município, com a presença de autoridades municipais e estaduais.

A falta de conhecimento com o não cumprimento do que determina a Lei nº 10.639/2013, que obriga as escolas fundamentais e médias a ensinarem a história e a cultura dos povos africanos e afrobrasileiros, traz consequências como o preconceito e discriminação às religiões de Matriz Africana, Afro Brasileiras e Afro Indígenas. Perfazendo assim a importância da caminhada como importante movimento de mobilização para sua visibilidade.

A caminhada acontece no último sábado do mês de Julho, antecipado com um trabalho desenvolvido no primeiro semestre com rodas de diálogos

quinzenais em comunidades de matriz africana de todas as 5 RPAs (Regiões Político-administrativas) do município de Camaragibe e outras cidades em parceria, como Paudalho, Limoeiro e Lagoa de Itaenga.

A caminhada tem sua concentração na Rua Eliza Cabral de Souza e segue até à Queda D'água da Baixinha. A escolha da caminhada no município de Camaragibe serve como homenagem ao Orixá Osun, devido à sua representatividade como figura feminina dentro do panteão dos orixás, além de ter a força da água e da mulher guerreira.

Períodos Importantes

O mês de Julho para o Candomblé é dedicado à Osun, tendo a Caminhada como encerramento das atividades do mês nos terreiros.

O que é?

Celebração realizada à ORIXÁ Osun (orixá ligada aos rios, à fertilidade, beleza e à riqueza). A celebração acontece no último sábado do mês de julho através de uma caminhada com os representantes do Candomblé até a queda d'água situada no bairro da Vila da Fábrica, onde são entregues os presentes à Osun (Flores e frutas). Após a entrega dos presentes, durante os cânticos de celebração, Osun escolhe o terreiro que lhe presenteará no próximo ano.

Onde está?

A concentração da caminhada foi obrigada, com o passar do tempo, a mudar de lugar. Da 1ª à 5ª edição a concentração foi na rua Eliza Cabral de Souza; a 6ª foi no Parque Municipal de Camaragibe; a 7ª na rua dos Narcisos e a 8ª concentrou-se saindo da Praça da Coimbral, no Bairro Novo do Carmelo

CELEBRAÇÕES

Caminhada de Osun

Expressões corporais

As danças referentes aos Orixás.

Expressões orais

Durante toda a caminhada, desde sua concentração, são entoados os cânticos e invocações de todos os orixás cultuados no Brasil, em especial os da cultura afro camaragibense.

Objetos importantes

Instrumentos musicais e indumentárias de cultos afro brasileiros (em especial os da cultura afro camaragibense).

Comidas e bebidas

Padê de Exù - Espécie de farofa crua com adição de farinha de mandioca e outros elementos, a depender da necessidade. A oferenda é ofertada para captar boas vibrações.

Roupas e acessórios

Roupas de culto afro brasileiro, contas, guias, entre outros.

Contato

MPTC: (81) 997336361
Gilmar Camará
MNU: (81) 995262504
Wilma Pereira

Significado

O significado da Caminhada de Osun está na visibilidade das religiões afro-brasileiras e seus cultos, combatendo a intolerância religiosa, enfrentando o racismo e a discriminação, defendendo o Meio Ambiente e reconhecendo os povos e as comunidades tradicionais de Terreiro.

Pessoas envolvidas

A caminhada é organizada pelo MPTC/MNU (Movimento dos Povos Tradicionais da Cidade/Movimento Negro Unificado) em conjunto com todos os terreiros da cidade de camaragibe.

Programação

Durante o mês de julho, os terreiros realizam seus cultos e festas dedicadas à Osun (cada um de acordo com sua tradição). No último sábado do mês o terreiro escolhido por Osun no ano anterior faz a entrega de seu presente nas águas do rio, na Queda D'água da Baixinha, no bairro da Vila da Fábrica, reunindo toda a comunidade de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro.

Estrutura e recursos necessários

Um mini-trio elétrico é utilizado no evento. Ao governo local, são solicitados autorização para o uso do solo (local para a concentração), apoio e segurança para os participantes, Iluminação, Manutenção e Limpeza do ambiente da queda d'água.

Outros bens culturais relacionados

O grito Ecológico, evento que antecede a caminhada através da preparação, orientação e educação ambiental para os povos e comunidades tradicionais de terreiro.

Avaliação

A celebração dá visibilidade aos povos de matriz africana, reafirmando e valorizando a cultura negra e ressignificando o bem cultural da "Queda D'água da Baixinha".

Recomendações

Recomenda-se maior apoio por parte dos órgãos públicos; maior sinalização e melhores agenciamentos para acesso à "Queda D'água da Baixinha".

Fonte: Movimento de Povos Tradicionais das Cidades - MPTC; entrevista com Gilmar Camará; Foto: Divulgação <https://drive.google.com/file/d/1AUku16VLHbWQleU_ooPfdSAvtcqErWB2/view?usp=sharing>

Escola de Samba Couro de Gato

História

A Escola de Samba Couro de Gato, fundada em 27 de setembro de 1958, é uma das agremiações mais antigas de Camaragibe, junto com o Caboclinho Canindé e o Bloco Foiará.

Um grupo de moradores, voltando de um piquenique na Praia de Gaibu, na euforia dos etílicos e da batucada, decidem montar uma escola de samba para animar o bairro. As primeiras ideias se dão numa conversa nas calçadas do atual Centro de Criatividade Musical Raminho do Trombone, que mais tarde viria a ser a sua primeira sede, entre 1958 e 1961.

Os irmãos Bila e Zito Biambor (José Celestino), fundadores da agremiação, são os protagonistas dessa história. Biambor viu na numerosa população de gatos do bairro a solução para os instrumentos da bateria: enquanto a pele virava tamborim, a carne seria o tira gosto perfeito para acompanhar a cachaça. As cores verde e branco foram escolha de Bila. Uma das primeiras escolas de samba de Camaragibe era fundada no bairro do Alto da Boa Vista em 27 de setembro de 1958, tradicional polo cultural da cidade.

Segundo uma das versões surgida na pesquisa, o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Couro de Gato teria surgido a partir de um bloco de carnaval de mesmo nome antes de se tornar escola de samba

Sua sede atual, situada à Rua Ari de Oliveira Peter, nº 277, já havia

acolhido o bloco carnavalesco Riso das Flores e, com a extinção deste, o imóvel de propriedade da Indústria Braspérola passa a ser ocupado pela escola em 1961.

A agremiação desfilou pelas ruas de Camaragibe até o ano de 2008, rivalizando ao longo dos seus primeiros 50 anos de história com outras escolas de samba locais: Demônio da Favela, Juventude do Samba, Unidos de Teresópolis, Estrela do Mar, Águia Dourada, Vá por Mim, Unidos do Santana e Império do Samba, todas estas com suas atividades encerradas. A manutenção da Couro de Gato sempre se deu com o apoio de patrocinadores, como a Fábrica de Tecidos de Camaragibe e da Prefeitura, além da ajuda dos moradores do bairro e dos recursos dos próprios diretores. O “livro de ouro” era uma das estratégias para arrecadar dinheiro. Mesmo sem desfilar há alguns anos, a Couro de Gato continua presente na memória dos moradores, ansiosos em ver a verde e branco na avenida nos três dias de carnaval, de domingo a terça-feira.

Os ensaios de carnaval, em geral, iniciavam em outubro e seguiam até janeiro do ano seguinte e



Nome

Escola de Samba Couro de Gato; GRES Couro de Gato; Grêmio Recreativo e Escola de Samba Couro de Gato.

O que é?

Escola de samba de Camaragibe, fundada em 1958. Continua em funcionamento embora seu último desfile tenha sido realizado em 2008.

Onde está?

Fundada e sediada no bairro do Alto da Boa Vista. Sua sede está localizada na Rua Ari de Oliveira Peter, No 277.

Períodos importantes

1958
Data de fundação.

2008
Último desfile.

2018
60 anos da fundação

FORMAS DE EXPRESSÃO

Escola de Samba Couro de Gato

Significado

A história construída ao longo da trajetória da GRES Couro de Gato foi suficiente para manter-se na memória da cidade apesar dos 10 anos de recolhimento. A escola tem um forte vínculo com o bairro do Alto da Boa Vista, seu berço, que viu nascer diversos outros grupos culturais.

*“Existia outras agremiações mas o pessoal ficava tudo lá, no pátio, esperando a escola entrar. Ninguém ia embora enquanto a escola (Couro de Gato) não entrasse.”
Silvinha, porta-bandeira da Escola de Samba Couro de Gato desde 1979*

*“Era como se fosse o Deus. O Deus verde e branco. Era o Deus da comunidade. Você via a comunidade gritando: ‘Couro de Gato! Couro de Gato!’
Zé O Oliveira*

emendando com a folia de momo. Eram realizados na rua, em frente à sede, atraindo o público da cidade e vizinhanças. Os desfiles partiam do Alto da Boa Vista, seguindo pelos bairros da Vila da Fábrica, Aldeia de Baixo e Vila Nova.

Na Couro de Gato não havia uma divisão de tarefas bem definida, excetuando o quadro de Diretor de Apito, como também é chamado o Diretor de Bateria. Era o núcleo mais próximo à diretoria e seus agregados que desempenhavam os papéis de carnavalesco, figurinista, gestor, administrador, entre outros.

Pessoas envolvidas

Zito Biambor (José Celestino, fundador), Bila, Djalma, Zeca Papito (José Guilherme, diretor de bateria), Jorge Oliveira (ex-presidente), Zé O (José Oliveira dos Santos, presidente 1980-1982), Carneiro (presidente), Maia (Marcos Antônio Barbosa da Silva, Diretor de apito), Flávia (porta bandeira), Silvinha (porta bandeira), Garnizé (Diretor de apito), Maureliano, Tony Baé (carnavalesco), Cristiano Balley (Diretor de apito), Sete molas (sambista e Mestre Sala), Seu Borginho, Geo, João Coelho, Coió, João Pretinho, Elton (Carlos Carneiro da Cunha), Tonho (Antônio Ferreira (vice-presidente), Josias, Josival, Josué, Nilson, Henrique, Alexandre (Carne de Galo), Tony, Nadinho, Missuca, Jonilson e Ivan.

Roupas e acessórios

Os figurinos piloto, protótipos, eram desenvolvidos pelos próprios diretores e, eventualmente, por carnavalescos como o Tony Baé. Em seguida eram repassados para as costureiras reproduzirem. Cada grupo, ala, era caracterizado por vestimentas diferentes: Mestre Sala e Porta Bandeira, Baianas, Músicos.

A partir dos anos 1980, os destaques femininos passam a substituir o figurino com maiô pelos biquínis. O topless, utilizado em apenas um dos anos, recebeu a resistência de conservadores.

Expressões corporais (danças e encenações)

O samba vai dar nome ao ritmo e a dança desta expressão. Sete Molas, Geo, João Coelho e Coió foram os grandes sambistas da escola.

Não haveria uma relação diretamente de manifestações religiosas com a agremiação Couro de Gato. Contudo, a ala das baianas era, em geral, composta por mulheres que tinham vivência no Candomblé. Carneiro, presidente da Escola Couro de Gato

FORMAS DE EXPRESSÃO

Escola de Samba Couro de Gato

Expressões orais (músicas, orações e outras formas de oralidade)

Sendo o samba enredo a principal expressão da oralidade nas escolas de samba, na Couro de Gato, passa a ser mais comum a partir do início dos anos 1990.

“Me criei na Boa Vista. Terra de grande tradição. Onde vivi toda a minha infância, que guardo no meu coração. Antes era o Riso das Flores que alegrava a massa popular. Hoje é a Couro de Gato que faz todo o povo Sambar”.

Zé Ó Oliveira, cantando samba enredo da Escola Couro de Gato.

Objetos importantes (instrumentos musicais, rituais, decoração do espaço)

Os mais importantes objetos da escola, segundo os entrevistados, são a bandeira e a bateria com seus instrumentos. As fontes orais pesquisadas foram unânimes em colocar que sem estas não tem como colocar a escola na avenida.

A bandeira, ou pavilhão, é o símbolo maior, a alma, da Escola de Samba e traz suas cores e identificação. É um objeto guardado com rito e cuidado após as apresentações, só sendo exposta nos desfiles e em situações especiais, como no caso do falecimento de personalidades e pessoas

importantes da comunidade, quando é hasteada na sede, enrolada e amarrada com uma fita preta em sinal de luto compartilhado, sentimento experienciado de forma coletiva na cidade.

Já a bateria pode ser entendida como o cérebro e o coração da agremiação, nas falas das pessoas entrevistadas. Os instrumentos remanescentes da agremiação foram desmontados e guardados embaixo do palco de concreto existente na sede da agremiação, em condições inadequadas. Outros foram perdidos ou subtraídos.

Estrutura e recursos necessários

Sem bateria, coração e cérebro da agremiação, seu pavilhão ou bandeira, seu símbolo máximo, e o casal de Mestre Sala e Porta Bandeira, não tem escola de samba. Também são itens e recursos fundamentais as alegorias, a Rainha de Bateria, os carros alegóricos, a ala das baianas, entre outros. Estima-se em cerca de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) o valor necessário para garantir minimamente o desfile da escola de samba.

Avaliação

A Couro de Gato continua em funcionamento entretanto não desfila desde de 2008. Não obstante, continua forte na memória da população e dos

agentes culturais.

A sede cumpre a função de espaço gregário entre os integrantes da escola que lá se reúnem mensalmente, sendo usado também para outros fins, como academia de artes marciais. Precisa de reparos estruturais e ajustes que possibilitem o seu uso para eventos. A edificação é, conforme a Lei do Plano Diretor de Camaragibe de 2007, um imóvel especial de preservação (IEP). No ambiente é possível encontrar alguns poucos objetos e instrumentos integrantes do acervo da agremiação. Outros objetos de valor histórico, como fotografias, parte de figurinos e roupas, podem ser encontrados com atuais e antigos integrantes da escola.

A diretoria atualmente discute o seu retorno à avenida no carnaval 2019.

Recomendações

Recomenda-se a documentação fotográfica do acervo remanescente da escola presente na sua sede e em posse de pessoas ligadas a esta, a reprodução fotográfica, digitalização, e catalogação do seu acervo fotográfico e apoio para o projeto de reativação da Couro de Gato, bem como o registro das pessoas envolvidas com o bem cultural.

LUGARES

Barracão

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE



Nome

Barracão; Armazém Cooperativa.
Prédio da antiga Cooperativa de Consumo da Companhia Industrial Pernambucana - CIP.

História

Construído entre o período de 1895-1900, o prédio funcionava como Cooperativa de Consumo da fábrica de tecido de Camaragibe, a Companhia Industrial Pernambucana - CIP, sendo administrada pela Corporação dos Operários de Camaragibe.

Internamente o prédio era dividido em duas partes comunicáveis entre si: (1) uma parte era reservada para gêneros alimentícios, como a padaria e o açougue; (2) a segunda parte era voltada para comercialização de miudezas, tecidos, material escolar, etc.

O Barracão possuía cerca de 12 funcionários e cumpria um papel importante de fornecer produtos por preços mais em conta e evitar deslocamentos para centros comerciais distantes da vila operária, fazendo circular a economia local, uma vez que o bairro não possuía outros estabelecimentos comerciais. As compras poderiam também ser

efetuadas para serem descontadas na folha de pagamento dos funcionários, bastando, para tanto, informar o número da caderneta ou da chapa de cada trabalhador. Possuía cerca de 12 funcionários e as compras poderiam ser entregues nas casas dos fregueses.

O barracão encerra suas atividades comerciais em 1972, passando cinco anos fechado, acompanhando a crise que também afetara a fábrica. Período este em que a edificação sofrerá algumas intervenções em seu aspecto arquitetônico com o fechamento da fachada principal, onde apenas a porta central manteve-se em funcionamento. O prédio foi doado por Antônio Carlos de Menezes à Tapeçaria Casa Caiada, de propriedade de Maria Digna Pessoa de Queiroz.

Significado

Tendo sido o único estabelecimento comercial no início da ocupação do bairro, fornecendo gêneros alimentícios e produtos do dia a dia, cumpriu um importante papel de espaço de

O que é?

Antigo prédio de características neoclássicas onde funcionou a Cooperativa da Corporação Operária de Camaragibe. A construção hoje é de propriedade da Tapeçaria Casa Caiada e funciona como escritório administrativo e estoque de insumos e produtos.

Onde está?

O Barracão está localizado entre as avenidas Doutor Pierre Collier e Comendador Muniz Machado e entre a 2ª e 3ª travessas da Av. Dr. Pierre Collier, ocupando sozinho todo o lote e tendo sua entrada principal voltada à Praça Antônio Luiz de Souza.

Períodos Importantes

1895 - 1900
Ano de construção.

1972
Extinção da cooperativa de consumo.

Materiais

Edificação construída em alvenaria dobrada, esquadrias em gradil metálico/madeira e cobertura com telha tipo francesa, passeio em torno do prédio revestido em concreto.

Elementos construídos

Edificação original em estilo neo-clássico. Elemento espúrio construído com tábuas de madeira e coberta com telhas de fibrocimento na lateral oeste do prédio, onde já funcionou um depósito de bebidas, hoje desativado.

Medidas

Área do terreno: 520m² (aprox.)
Perímetro do Terreno: 90m (aprox.)

Área edificada: 364m² (aprox.)
Perímetro da edificação: 82m (aprox.)

circulação monetária e de mercadorias, além das trocas simbólicas. Nos últimos anos, é depósito e escritório da Tapeçaria Casa Caiada que estabelece contratação de serviços com artesãs da cidade.

Pessoas envolvidas

Operários e funcionários da Companhia Industrial Pernambucana - CIP;
Membros da Corporação Operária de Camaragibe;
Diretores e trabalhadores da Tapeçaria Casa Caiada;

Técnicas ou modos de fazer

O prédio é um dos poucos localizados na ZEPH (Zona Especial de Preservação Histórica) de Camaragibe que possui um estilo Neoclássico em suas fachadas, apresentando frontão triangular, marcações ortogonais volumes simétricos.

Sendo a construção original datada do mesmo período da criação da Vila Operária, estima-se que se fez uso dos mesmos elementos e técnicas adotadas nas demais edificações, ou seja, arquitetura estrutural com uso de blocos de tijolos cerâmicos maciços, possivelmente com argamassas de cal.

Atividades que acontecem no lugar

Depósito, espaço de produção e escritório da Tapeçaria Casa Caiada

Manutenção

É realizada pela empresa proprietária.

Conservação

Estado de conservação regular com aparentes marcas externas da presença de cupins. Demanda reparos na pintura, coberta e nas esquadrias.

Avaliação

O bem mantém sua configuração original nas suas fachadas externas e se coloca em posição de destaque no conjunto arquitetônico do qual faz parte. Importante valorizar suas características histórico-sociais.

Recomendações

Valorização da edificação visando evidenciar seu estilo arquitetônico;
Iluminação do entorno e da edificação em si;
Retirada de elemento espúrio da fachada;
Sinalização histórica

LUGARES

Engenho Camaragibe

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

Nome

Engenho Camaragibe, antigo Engenho Santiago.

História

Criado em meados do Século XVI, em terras doadas por Duarte Coelho a Diogo Fernandes, que chegara nas primeiras levadas de colonos ao Brasil, o Engenho Camaragibe inicialmente recebeu o nome de Engenho Santiago, dedicado a Santiago Maior. O engenho de açúcar foi atacado e destruído por povos indígenas em 1555, sendo reconstruído 9 anos depois. O período de prosperidade segue até a ocupação holandesa. Não é possível precisar o momento da mudança de nome do empreendimento para Engenho Camaragibe, mas é possível afirmar que a presença da flor camará, abundante na região e nas margens dos cursos d'água tornou-se uma referência importante.

A cana-de-açúcar produzida nas terras do Camaragibe era moída em Beberibe, no Engenho Salvador, de propriedade do donatário Duarte Coelho, uma vez que o engenho não possuía moenda, sendo a produção dividida meio-a-meio entre os dois engenhos.

Com o processo migratório iniciado para os grandes centros urbanos nas décadas de 1960 e 1970, dá-se o crescimento da população de Camaragibe, local que apresentava vastas áreas a serem ocupadas para moradia. Com o encerramento das atividades de cultivo de cana-de-açúcar nos 1960's, Maria Anita Amazonas MacDowell, proprietária das

terras, cria loteamentos na extensão do território: Aldeia de Camaragibe, Primavera, Nazaré, Bairro Novo do Carmelo, São Pedro e São Paulo, entre outros. As novas áreas loteadas estabeleceram importantes núcleos urbanos do município, somando-se à nucleação mais antiga, localizada na Vila da Fábrica.

O protagonismo político de Maria Amazonas e as atividades comerciais que eram realizadas no Casarão do Engenho Camaragibe, residência da família, deve ter influenciado para que o imóvel fosse mais conhecido como a "Casa de Maria Amazonas" nas últimas décadas. Com papel político e social na cidade, Maria Amazonas oferecia serviço de saúde pública para a população, além de distribuição de remédios e oficinas de aprendizado, como as de marcenaria para a fabricação de beliches com mão-de-obra da população aprendiz. Outro fato que fortaleceu o protagonismo de Maria Amazonas MacDowell foi a doação de terras para construção do Seminário do Cristo Rei e do Convento das Carmelitas, em meados dos anos 1950.

Do antigo engenho, restou um casarão de estilo neoclássico erguido sobre as fundações da Casa Grande original, este antes com o dobro do tamanho atual, a antiga moenda, as fundações da senzala, um conjunto de casas que serviam de



O que é?

Área remanescente do Engenho Camaragibe com 11 hectares de extensa área verde e que compreende algumas benfeitorias de valor histórico e cultural, a exemplo da Casa-Grande do Engenho Camaragibe, também conhecida como "Casa de Maria Amazonas", localizada no topo da elevação do terreno e que foi reconstruída no mesmo local da estrutura original do engenho. Além desta área que compreende o sítio do Engenho Camaragibe, restam ainda, espalhados pelo município, 200 hectares da área inicial que era de cerca de 800 ha, de propriedade da família Amazonas Mac Dowell.

O casarão de estilo neoclássico, reconstruído na mesma locação da antiga edificação do engenho, possui, em seu interior, uma pequena capela consagrada a Santiago Maior, datada de 1654. A Casa Grande foi edificada abraçando a capela que se mantém em seu interior.

O Decreto Lei estadual no. 12.550, de 07 de Agosto de 1987, estabelece o tombamento da Casa Grande, sua área circundante e respectiva paisagem do antigo Engenho Camaragibe

LUGARES

Engenho Camaragibe

Onde está?

Localizado em Camaragibe, Região Metropolitana do Recife/PE, situado na entrada do município, na confluência das rodovias estaduais PE-5 com a PE-27, a 15 km da capital pernambucana. O terreno limita-se a leste com a PE-27 (Estrada de Aldeia), ao sul, com BR-408 (Avenida Belmino Corrêa) e, ao norte e a oeste, com terreno da antiga Fábrica de Tecidos CIP, terreno hoje de propriedade do empreendimento comercial Shopping Camará.

Significado

Além de um importante marco do ciclo canavieiro de Pernambuco, o Engenho Camaragibe e sua Casa Grande se confundem com a história da cidade que ali se desenvolve, inicialmente vinculada a São Lourenço da Mata e de forma autônoma, a partir de 1982. Parte das terras do engenho foram loteadas, originando novos bairros.

apoio ao engenho e outras poucas benfeitorias no terreno do sítio de 11ha de área, na entrada da cidade, e 2ha que se encontra em regime de comodato com a Prefeitura de Camaragibe e onde atualmente está localizado o Parque Camaragibe, equipamento público de uso social e recreativo. O casarão abriga, em seu interior, uma pequena capela construída em 1654 e dedicada a Santiago Maior, revestida com azulejos de antigas igrejas portuguesas. Foi erguida em ação de graças pela vitória na batalha contra os holandeses na Campina dos Camarás.

Períodos importantes

Século XVI

1545 - Doação das terras de Duarte

Coelho para Diogo Fernandes

1549 - Construção do Engenho

Camaragibe

1555 - Destruição da Casa Grande por povos indígenas

1563 - Reconstrução da Casa Grande

Século XVII

1639 - Período de ocupação holandesa

1654 - Construção da capela consagrada a Santiago Maior

Século XIX

1880 - Venda de parte do terreno para instalação da Fábrica de Tecidos de Camaragibe, peretencente à Companhia Industrial Pernambucana - CIP.

Século XX

1951/1952 - Doação de terrenos para construção do Seminário do Cristo Rei e do Convento das Carmelitas

1960/1970 - Implantação de loteamentos (Aldeia de Camaragibe, Primavera,

Nazaré, Bairro Novo do Carmelo e São Pedro e São Paulo);
2006 - Falecimento de Maria Anita Amazonas MacDowell

Pessoas envolvidas

Família Amazonas MacDowell

Elementos naturais

Os 11ha do terreno são compostos, em quase sua totalidade, por área verde que foi recomposta naturalmente após o encerramento da atividade canavieira, nos anos 1960. Há pequenos cursos d'água presentes no local.

Elementos construídos

Casa Grande do Engenho Camaragibe e quatro casas de apoio localizadas no acesso à casa grande, antiga moenda e fundações da senzala, além de reservatórios de água e jardins. O Parque Camaragibe, localizado na porção sudeste do terreno, foi construído pelo governo municipal em regime de comodato.

Vestígios

Fundações da antiga casa grande sob o atual casarão, fundações da antiga senzala.

A edificação possui um rico acervo composto por mobiliário antigo;

Técnicas ou modos de fazer

As paredes principais de sustentação da casa fazem parte da capela,

LUGARES

Engenho Camaragibe

possuindo 80 cm de espessura, feitas com blocos de pedras e argamassas de barro com óleo de baleia, típico das construções daquela época.

Medidas

Área do Casarão do Engenho:
571,70m²

Perímetro do Casarão do Engenho:
122,60m (aprox)

Área remanescente do engenho é de 200ha (hectares). Originalmente era de 800ha.

Área do sítio onde se localiza o Engenho: 11ha (hectares).

Atualmente o casarão é composto por:

Pavimento térreo: 2 quartos e 1 banheiro; terraço; cozinha, sala de jantar, área de serviço.

Pavimento superior: 8 quartos, 4 banheiros, 1 salão de festas;

Atividades que acontecem atualmente no lugar

A edificação é utilizada como residência pelos herdeiros da família Amazonas MacDowell.

Manutenção

O bem é mantido pela família Amazonas MacDowell.

Conservação

A Casa Grande do Engenho encontra-se em perfeito estado de conservação, com fachadas e interiores íntegros, assim como área do seu entorno. Nunca havendo um intervalo de tempo sem o uso de moradia no local, a constante ocupação da edificação ajuda a mantê-la viva.

A casa original sofreu alterações, mudando, inclusive, sua fachada principal, que foi modificada no final do século XIX. Sua fachada original possuía 12 portas em formato de arcos e 12 janelas, o dobro da atual, com 6 portas, não mais em arcos, e 6 janelas.

As casas de apoio do sítio e a moenda estão em situação regular de conservação. Já as fundações originais da antiga senzala encontram-se cobertas por vegetação, o que impede a leitura daquela construção.

Avaliação

O antigo Engenho Camaragibe ocupa uma localização de destaque, em parte elevada do terreno na entrada da cidade, com elementos construídos, sobretudo o seu casarão, compondo uma paisagem icônica, apreciável a partir das rodovias que o contornam e, ainda, do Parque Camaragibe, espaço

público de uso social da comunidade com pistas de caminhada e cooper, equipamentos de ginástica e brinquedos infantis.

Recomendações

Devido ao valor histórico e cultural do bem cultural, é importante que a população possa acessá-lo e explorar a sua vocação memorial e museológica e para uso de apresentações culturais para as quais é eventualmente utilizado. Atualmente não é permitido acessar o interior do imóvel, limitando-se o visitante à área externa do patrimônio construído.

Importante dar visibilidade aos outros elementos construídos, inserindo-os num programa de visitação, como no caso da moendas, casas de apoio e antiga senzala, a mais prejudicada pela ação do tempo.

Encontra-se em fase de estudo a criação do Instituto Engenho Camaragibe com o objetivo de transformar os 11 ha do sítio em complexo cultural, aproveitando as vocações histórico-culturais deste bem.

LUGARES

Engenho Timbi

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

História

O Engenho Timbi é adquirido por Francisco de Paula Corrêa de Araújo em 1850, quando o compra de um de seus irmãos. A propriedade de 900 ha já não mais produzia açúcar mas ainda moía cana de açúcar. O termo indígena Timbi, como nos revela o Senhor Francisquinho (Francisco de Paula Corrêa de Araújo Filho), neto de Francisco de Paula, refere-se ao barulho da água sobre as pedras no leito do rio.

A antiga senzala do engenho foi demolida em 1850 e a Casa Grande passa por reforma nos anos 1920, quando são ampliados os terraços, acrescidos os arcos em sua fachada e substituído parte do piso por ladrilhos hidráulicos. A edificação mantém ainda pisos e forros de teto originais em madeira de sucupira extraídas das próprias terras do engenho. Um anexo contíguo constituiu a residência da família de Dona Alzira, governanta do espaço que presta serviço à família há cerca de 50 anos. A propriedade possuía um grande açude próximo à sua sede.

Até os anos 1950, a paisagem do Engenho Timbi era formada por matas e canaviais. Em 1951, Dr. Chico, filho de Francisco de Paula, vende à família Brennand 300ha de terras próximas ao Rio Capibaribe, região onde está hoje localizado o bairro de Santa Mônica, dando lugar a um loteamento de granjas. A Vila Timbi, conjunto de imóveis residenciais para locação, é construída em 1952 às margens da Av Belmino Corrêa.

No início da década de 1960, com o fortalecimento do movimento das Ligas Camponesas e o temor da ocupação de suas terras, a família se muda para o bairro da Madalena, no Recife. Dá início à criação dos loteamentos na área do Engenho Timbi. Com a morte do Dr. Chico, a

comercialização dos lotes ficaram sob a responsabilidade da sua filha, Dona Carmita.

A urbanização da cidade de Camaragibe cresce na segunda metade do Século XX com os loteamentos que surgem nas terras dos engenhos Timbi e Camaragibe.

A Casa Grande do Engenho Timbi é um espaço de memória aberto à visitação onde se mantém exposto um rico acervo fotográfico e de objetos de época que contam a história do lugar e da família Corrêa de Araújo, conservando mobiliários, instrumentos musicais (piano e serafina), coleções de rádios e outros objetos de uso cotidiano. A organização do material foi pensada por Seu Francisquinho e sua irmã Dona Carmita que acrescentou as legendas às imagens.

Significado

Apesar do desconhecimento por parte da população acerca da história e da importância deste bem cultural, o Engenho Timbi está fortemente vinculado ao processo de formação da cidade. É em suas terras, e também nas terras do Engenho Camaragibe, que irá se estabelecer a ocupação urbana destes territórios que dariam origem ao município de Camaragibe. A avenida



O que é?

Área do antigo Engenho Timbi que compreende 4ha do terreno original de aproximados 970ha, onde encontramos a Casa Grande, vestígios da casa de purgar açúcar e outras benfeitorias mais recentes. O Timbi tinha seus limites a leste com o Engenho Camaragibe, na altura da Mata do Privê; ao sul com o Rio Capibaribe; a oeste com a linha férrea do Tronco Norte (Estrada Recife-Limoeiro), no bairro de Alberto Maia; e, ao norte, próximo à Mata de Aldeia.

Onde está?

O bem está localizado à Rua Teixeira Soares, 199, no bairro do Timbi, próximo à Prefeitura Municipal de Camaragibe.

Períodos importantes

1850

Aquisição das terras do engenho por Francisco de Paula Corrêa de Araújo

1925-30

Reforma da Casa Grande

1951

Venda de 300ha da área próxima ao Rio Capibaribe para a família Brennand

1952

Criação da Vila Timbi

1963

Criação dos primeiros dos loteamentos

LUGARES

Engenho Timbi

Vestígios

A casa de purgar, convertida em salão de jogos, apresenta uma parede construída com pedras que datam do período da construção original do engenho; tachos para fabricação de açúcar utilizados como vasos para plantas estão expostos no jardim e uma moenda de pequeno porte encontra-se no terraço do casarão.

Materiais

Edificação do casarão em alvenaria dobrada, esquadrias de madeira, pisos em ladrilho hidráulico, pisos e forros de madeira sucupira, telhado com estrutura de madeira e coberta em quatro águas com telha tipo francesa.

Medidas

Área do terreno: 8626,00m² (aprox.)

Perímetro do terreno: 385,85m (aprox.)

Área da casa grande: 426,10m² (aprox.)

Perímetro do terreno: 90,65m (aprox.)

principal da cidade recebeu o nome de Belmino Corrêa de Araújo.

Pessoas envolvidas

Família Côrrea de Araújo, Seu Francisquinho, Dona Carmita, Francisco de Paula Corrêa de Araújo.

D. Alzira e família, responsáveis pela manutenção do engenho.

Elementos naturais

Área verde, jardins, árvores frutíferas, orquidário.

Elementos construídos

O sítio remanescente do Engenho Timbi possui uma casa grande, anexo contíguo com residência da família que administra o espaço, uma casa de purgar açúcar e duas garagens para carros.

Técnicas ou modos de fazer

Construção convencional em alvenaria.

Atividades que acontecem no lugar

O casarão tem cumprido a função de memorial com acervo permanente da família em exposição. Eventualmente o espaço é utilizado para reuniões familiares. Escolas do município costumam realizar visitas ao engenho.

Manutenção

O Engenho Timbi é mantido pelo Sr. Francisquinho com o objetivo de “manter viva a história da família”. A manutenção do sítio é feita por Dona Alzira e família que residem no local.

Conservação

O sítio e suas construções encontram-se em bom estado de conservação. Cuidam do espaço, além da caseira, 03 funcionários responsáveis por serviços em geral.

Avaliação

Apesar da importância do Engenho Timbi para o processo de urbanização da cidade, a população em geral conhece pouco da sua história. No entanto, a disponibilidade de acesso ao espaço e à exposição montada em sua casa grande é uma excelente forma de conhecer a história do bem cultural e da família Corrêa de Araújo.

Recomendações

Recomendações para melhoria poderiam ser feitas no tocante à sinalização turística vertical para facilitar o acesso ao local, bem como melhorias no paisagismo para evidenciar aspectos do sítio e da casa grande, na iluminação cênica para realçar o espaço. A exposição também poderia receber uma iluminação adequada para exibição e complementação das legendas para os objetos

LUGARES

Escola José Collier



Nome

Inicialmente foi chamada de Escola das Meninas, Em seguida, Escola da Corporação Operária de Camaragibe, de 1900-1904 até 1958; Escola das Irmãs da Sagrada Família, 1958 até 1967; Escola da CIPER, de 1967 até 1987; Escola da Braspérola, 1987; Escola José Collier, 1987 até hoje.

História

Fundada como Escola das Irmãs da Sagrada Família em 1903, iniciativa de Carlos Alberto de Menezes, Diretor-gerente da Fábrica de Tecidos de Camaragibe, com o objetivo de oferecer educação formal e religiosa para as filhas dos funcionários da empresa. Também era conhecida como Escola da CIP (Companhia Industrial Pernambucana) e Escola da Braspérola. Existiu também a Escola dos Meninos, construída anteriormente.

Com a criação da fábrica e da vila operária, Carlos Alberto de Menezes decidiu construir uma escola pensando na alfabetização dos filhos dos operários.

Inicialmente, a alfabetização era dividida por gênero e a formação cristã era pautada na religião católica. As meninas estudavam na Escola das Meninas, atual José Collier, com as freiras da Ordem

da Sagrada Família vindas da França, e os meninos no prédio onde funciona o atual SESI, Colégio da Ordem Marista, com o corpo docente formado por padres. Os Maristas já estavam no Brasil e foram trazidos para Pernambuco por Carlos Alberto de Menezes.

As freiras da Sagrada Família contavam com um alojamento nas dependências da antiga escola formada por quatro prédios originais, aos quais foram acrescentados outros três volumes para adequação às demandas da estabelecimento ao longo do tempo. O bem, que mantém seu aspecto original, constitui um exemplar arquitetônico de destaque na vila operária. A antiga Igreja de Santa Emília de Rodat, padroeira da instituição de ensino, foi transformada em biblioteca, deslocando as atividades religiosas para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, localizada também na Vila da Fábrica.

Nos anos 1980, com a crise no setor têxtil do Estado e no Brasil, a Fábrica de Tecidos CIPER, após a morte de Antônio Carlos de Menezes, passa a ser dirigida por

O que é?

Antiga Escola das Irmãs da Sagrada Família.

Onde está?

Localizada no lote situado entre a Avenida Doutor Pierre Collier, a Avenida Comendador Muniz Machado e a Rua Artur Medeiros de Araújo, no bairro da Vila da Fábrica, Camaragibe.

Períodos Importantes

1903
Construção da escola para as meninas;

1926
A escola passou a ser heterogênea;

1987
A escola passa a se chamar Escola da Braspérola, com a venda da fábrica para o Grupo Braspérola.

LUGARES

Escola José Collier

Materials

Edificação construída em alvenaria dobrada, esquadrias em madeira e cobertura com telha tipo canal e francesa, passeio em torno do prédio revestido em concreto, muro em todo o perímetro do terreno.

Medidas

Área do Terreno:
3061,00m² (aprox.)
Perímetro do terreno:
393,40m (aprox.)

Área da Edificação 1:
322,60m² (aprox.)
Perímetro da Edificação 1:
72,00m (aprox.)

Área da Edificação 2:
190,00m² (aprox.)
Perímetro da Edificação 2:
64m (aprox.)

Área da Edificação 3:
161,00m² (aprox.)
Perímetro da Edificação 3:
53m (aprox.)

Área da Edificação 4:
176,10m² (aprox.)
Perímetro da Edificação:
60m (aprox.)

Área da Edificação 5:
366,00m² (aprox.)
Perímetro da Edificação 5:
105,00m (aprox.)

Área da Edificação 6:
214,50m² (aprox.)
Perímetro da Edificação:
60,00m (aprox.)

Área da Edificação 7:
175,00m² (aprox.)
Perímetro da Edificação:
54,00m (aprox.)

José Collier, responsável pelo processo de venda da fábrica. A Braspérola adquire a indústria em 1987 e a escola passa a se chamar Escola da Braspérola. A mudança para Escola José Collier é uma homenagem ao antigo diretor da fábrica que se empenhou em encontrar as melhores soluções para a gestão da vila operária no processo de transição para o novo grupo investidor.

Significado

Inicialmente voltada para a alfabetização das filhas dos funcionários, torna-se mista na década de 1920. Era reconhecida pela qualidade na formação dos estudantes. Nela estudaram também os filhos de Pierre Collier e de Antônio Muniz Machado. Possivelmente também os filhos de Carlos Alberto de Menezes. Muitos filhos de operários que estudaram nessa escola seguiram formação universitária no prosseguimento de seus estudos.

Pessoas envolvidas

José Collier;
Carlos Alberto de Menezes;
Secretaria de Educação de Camaragibe - SEDUC;
Claudia Regina P. de Nóbrega (gestora);

Elementos naturais

Área verde constituída de árvores frutíferas, presente nos pátios internos;

Elementos construídos

Atualmente o bem é composto por quatro prédios datados da fundação da escola e três edificações acrescentadas às originais, além de pátios para recreação e áreas verdes intermediárias.

Atividades que acontecem no lugar

Atividades educacionais voltadas para o ensino fundamental.

Manutenção

A manutenção e funcionamento são realizados pela Prefeitura de Camaragibe através da Secretaria de Educação.

Conservação

O conjunto apresenta bom estado de conservação.

Avaliação

O uso e ocupação do espaço há mais de 100 anos para atividades educacionais colabora para a sua conservação, apesar das intervenções visando adequação enquanto ambientes letivos que possam por ventura descaracterizar o bem.

Recomendações

É importante que a história deste bem cultural, em seus aspectos materiais e imateriais, possa ser evidenciada para a comunidade escolar, do seu entorno e da cidade, a partir de debates e atividades que propiciam a experiência neste patrimônio.

LUGARES

Fábrica de Tecidos

O que é?

Fábrica desativada há sete anos; Desde o início de sua criação o edifício industrial da fábrica de tecidos e de cerâmica, denominados como Fábricas da Companhia Industrial Pernambucana, ficou conhecido por “Fábrica de Camaragibe”. Depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) passou a ser designada como Fábrica de Tecidos da CIPER ou do grupo CIPER. Em 1987, foi vendida ao grupo BRASPÉROLA e passou a ser conhecida como a Fábrica de Linho da BRASPÉROLA. Alguns anos depois foi, mais uma vez, vendida em leilão judicial ao grupo francês VIVALIN que era fornecedor da fábrica e se constituiu com a marca VIVABRÁS. Atualmente, desistindo de dar continuidade a atividade industrial, a VIVABRÁS mantém uma parceria com construtoras para implementação do complexo RESERVA CAMARÁ.

História

Quando criada, a fábrica de Camaragibe era o maior estabelecimento industrial do Estado de Pernambuco. A qualidade industrial de seus produtos, gerou premiação em exposições industriais, estaduais, nacionais e internacionais, antes da 1ª Guerra Mundial. Ressaltemos os tijolos provenientes da olaria da CIP que ganhou a Medalha de Ouro na exposição de 1908 no Rio de Janeiro. Serviram para construir as fábricas e as residências da vila operária em paredes com espessura de 50 centímetros. O projeto social trabalhista instaurado na Companhia Industrial Pernambucana em



Camaragibe e Goiana teve sua principal expressão em Camaragibe por fatores ligados a atividade urbano-espacial que perpetuou sua existência.

Ao menos três ou quatro gerações viveram ligados a fábrica de tecidos da Companhia Industrial Pernambucana em Camaragibe. Cabe observar que o território no qual conhecemos por “Camaragibe”, vivenciou etapas de ocupação e povoamento antes mesmo da colonização portuguesa. A princípio território indígena, sabemos pouco sobre essas sociedades, por se tratarem de povos da tradição oral e que perpetuavam sua linguagem, conhecimento e visão de mundo através de práticas próprias que não se enquadravam na formalidade da escrita, vide os registros documentais que dispomos. Assim, dentro de uma prática exploratória e extrativista, as terras foram tomadas dos indígenas pelo primeiro donatário e doadas a ocupantes. A intenção era de desenvolver atividades produtivas nas terras, isso gerou incômodo dos indígenas que organizaram frentes de resistência aos desmandos do colonialismo, mas acabaram sucumbindo às forças de repressão dos ocupantes. O segundo donatário, Duarte Coelho de

Onde está?

O endereço atual é Rua Honorato Costa, no bairro da Vila da Fábrica, Camaragibe, região metropolitana de Recife.

Fica a 12 m acima do nível do mar, numa área a oeste de Recife, próxima da casa grande do Engenho Camaragibe em um terreno comprado em janeiro de 1891. O terreno compreendia uma área de terras estrategicamente escolhida e utilizada para estruturar o conjunto industrial que compreendia: a fábrica construída ao lado da ferrovia de Recife a Limoeiro, centro de comércio de algodão em Pernambuco, na área mais baixa do terreno em previsão do uso das águas disponíveis na mata, onde construíram duas barragens - o açude São Bento e o açude São João que levavam água encanada a fábrica e a vila operária. Ao mesmo tempo, sobre um planalto a 25 metros de altitude, do outro lado da ferrovia, foi construída a Vila Operária, utilizando também os tijolos fabricados na olaria.

LUGARES

Fábrica de Tecidos

Significado

O edifício da fábrica de tecidos de Camaragibe, construído entre 1892 e 1895, foi a maior indústria têxtil na época em Pernambuco. Criada pela Companhia Industrial Pernambucana, situou-se em terrenos comprados ao Engenho Camaragibe. Fez parte do projeto a construção de uma Vila Operária com serviços sanitários, de saúde, escolaridade e religiosos, inspirado no catolicismo social segundo os termos da Encíclica Rerum Novarum do Papa Leão 13. A atividade industrial durou mais de cento e vinte anos, e foi a principal empregadora no distrito que viria a ser o município de Camaragibe. Sua história está sedimentada no processo de aceleração do crescimento populacional, ocupação territorial e urbanização da cidade. A Vila Operária, conhecida hoje como o bairro “Vila da Fábrica”, foi criada no intuito de abrigar, em seu entorno, os funcionários e dirigentes. Isto assegurava facilidade para o deslocamento “trabalho-casa-trabalho” e fortalecia os laços entre dirigida pela Corporação Operária de Camaragibe com participação do gerente da fábrica.

Albuquerque (1537-1578), doou as terras improdutivas em 1570 a dois homens que fizeram o engenho prosperar. Durante a ocupação holandesa foi palco de batalhas entre as forças nativas e os holandeses para expulsá-los. Tornou-se, após essa expulsão, propriedade do militar Mello cujo sua filha herdara, mas devido ao casamento, tornou-se propriedade de Manuel Corrêa de Araújo e por conseguinte do seu filho, de mesmo nome, a quem pertenceu em 1817. Mais uma vez uma mulher, sua filha herdou o engenho que passou a ser propriedade de Pedro Francisco de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, barão e visconde de Camaragibe. Quando ele faleceu, após sua esposa, o herdeiro nomeado no inventário, Barão de Albuquerque preferiu vendê-lo. O adquirente foi o político Manoel Corrêa de Araújo que faleceu em 1886 deixando sua esposa, filha do barão de Escada, na direção do engenho com seus cinco filhos pequenos. Antônia Lins Corrêa de Araújo dirigiu o engenho até 1941 e foi ela que assinou a escritura de venda dos terrenos do engenho a Pereira Carneiro e Companhia e Mendes e Companhia em 1891.

Em relação a organização social e a Fábrica, é importante considerar dois períodos na urbanização da cidade – a primeira a partir das frentes de trabalho, moradia e serviços educacionais com a instalação da atividade industrial, no qual foi feito um esforço intencional de propiciar elementos culturais e de cidadania. E o segundo período, cinquenta anos depois, propiciado pelas

oportunidades de trabalho nos centros urbanos e sua gradativa expansão que ocasionou em que pessoas com histórias diversas vieram se agrupar num território despreparado para recebê-los em termos materiais e institucionais. Resta que a experiência industrial da CIP e sua tecelagem em Camaragibe teve consequências na composição social, desenvolvimento local e produção industrial que juntas têm significado cultural importante para a formação do nosso país. Uma observação paciente dos fatos permite entender que tratar da Fábrica não se trata apenas de arrolar história de empresários ou daqueles que detinham os bens de produção e poder. Não se trata de fazer a história dos grandes personagens pernambucanos, mas de um povo em torno de sua própria organização, ocupação territorial e seu imaginário que tecidos ao longo do tempo, se imbricam a vida das pessoas que atualmente residem no município de Camaragibe.

Períodos importantes

1891 - Incorporação da CIP e início das construções em Camaragibe.

1895 - Vila operária com 152 casas construídas, fábrica de tecidos e suas dependências, condições para o pleno funcionamento industrial. Criação da capela no interior da fábrica.

1896-1899 - Organização de várias associações: concelhos e serviços (abastecimento, médico, escolar, religioso, edilidade) na vila operária e na própria

LUGARES

Fábrica de Tecidos

fábrica (conselho profissional);
Constituição da Corporação Operária.

1914-1918 - Crise pós Primeira Guerra mundial. Trabalhadores ficam desempregados, mas não perdem a residência, até que pudessem retornar aos seus postos de trabalho, com a possível melhoria financeira da fábrica. A olaria cessa suas atividades. A fábrica recobra as atividades após a I Guerra. A Companhia Industrial Pernambucana põe a venda a usina de Goiana, garantindo recursos para modernização do complexo industrial.

1921-1923 - Modernização do equipamento da fábrica. Criação de uma segunda vila operária no Alto da Boa Vista. Aumento do número de operários e criação de novos prédios como anexos da fábrica.

1935-1939 - Crise de resultados da fábrica.

1937- Fim do uso do ramal ferroviário da Fábrica.

1958 - Trabalhadores fazem greve por reajuste salarial e melhorias na qualidade do trabalho, obtendo êxito no Tribunal de Trabalho, mesmo a fábrica alegando não dispor de recursos.

1964 - A fábrica esteve sob ameaça de invasão pelo exército para prender militantes ativos das causas trabalhadoras.

1964-1980 - Tempo de recessão industrial. Surge o Grupo CIPER que

passou a coordenar a tecelagem e a fiação de Camaragibe além de outros investimentos industriais e imobiliários.

1983 - Para modernizar suas fábricas (Camaragibe, Alagoas), o grupo CIPER investe 1 milhão de dólares na compra de equipamentos industriais nos Estados Unidos da América. Com o aumento da dívida e dificuldades de capital de giro para pagar os salários, Antônio Carlos Azevedo de Menezes, diretor-gerente, cometeu suicídio no escritório em Camaragibe. José Collier assume a direção do grupo CIPER.

1987 - A fábrica é vendida à BRASPÉROLA que a dirige até o ano de 2001, quando cessa suas atividades de fabricação de linho misturado com algodão. A liquidação do grupo deixa dívidas trabalhistas.

2005 - O tribunal de trabalho decide a venda em leilão da fábrica e seu terreno principal em benefício do pagamento da dívida trabalhista. A companhia francesa, VIVALIN, fornecedora de fibra de linho, compra a propriedade.

2006 - A fábrica “apitou” para alegria de muitos residentes de Camaragibe. A VIVABRAS pôs a instalação da UNIFISA em funcionamento.

2008 - A VIVABRÁS renuncia a produzir e entra em liquidação. Resulta um projeto imobiliário de construção de um centro comercial.

2011 - Lançamento do projeto imobiliário para o local e seu entorno, para construir

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

Elementos naturais

Área alagada pertencente ao rio Camaragibe e fragmento de mata atântica. Existia a área molhada do riacho Una, que atualmente se encontra seco.

Medidas

Área do terreno: 2km² (aprox.).
Perímetro da construção: 10.000m² (aprox.).
Altura da construção: 9m (aprox.)

Atividades que acontecem no lugar

Atividades relacionadas ao Shopping Camará.

Materiais

Em relatório escrito em 1896, Pierre Collier, engenheiro responsável pelas construções, diz que as fundações, de 1 m de largura, se apoiam em blocos de granito, as paredes em tijolo têm 50 cm de espessura, os ladrilhos e telhas são em cerâmica e em cimento. As estruturas fabris são em ferro fundido.

LUGARES

Fábrica de Tecidos

Técnicas e modo de fazer

O diretor gerente da companhia encarregado da concepção, construção e equipamentos era o Carlos Alberto de Menezes. Ele foi à Europa, França e Inglaterra, prospectar e encomendar os meios necessários. Procurou para contratar um engenheiro civil especializado em construção industrial e escolheu o engenheiro Pierre Collier. Eles aplicaram as técnicas mais avançadas da época para construir a fábrica, suas dependências e a vila operária, respeitando os limites do orçamento e da disponibilidade dos materiais no Brasil.

Vestígios

O edifício da fábrica original está com suas paredes intactas, mas os tetos shed estão parcialmente em ruínas e tem sofrido agressões, do tipo, destelhamento para reuso das telhas. O edifício original está rodeado de galpões construídos ao longo de anos quando a fábrica estava funcionando por aumentos sucessivos ligados a mudanças de tecnologia de produção têxtil.

Conservação

O estado de conservação é precário; destelhamento do teto em shed que torna o edifício fragilizado face as intempéries

vários edifícios com fins residências e comerciais.

2014 - Teresa Cristina Collier, filha de Pedro Collier, neta de Pierre Collier, engenheiro-fundador da Fábrica de Tecidos Camaragibe entra com o processo de tombamento, junto a FUNDARPE, dos edifícios que compreenderam Fábrica.

2018 - Inauguração do Centro Comercial, Shopping Camará.

Pessoas envolvidas

Na história, as pessoas que participaram ativamente da concepção, construção, gestão e do trabalho produtivo, muitos hoje residentes na vila operária ou em outros bairros de Camaragibe. São muitas pessoas entre acionistas, diretores, debenturistas, gerentes, pessoal técnico superior e operários com suas famílias durante os 120 anos de funcionamento da fábrica. Hoje se envolvem com interesse maior sobre a propriedade: o Consórcio Imobiliário, a sociedade civil, a prefeitura de Camaragibe e o Governo do Estado.

Avaliação

A fábrica é, em si, parte constitutiva do município de Camaragibe. Efetivamente, instalou a primeira estrutura de urbanização nas terras de Camaragibe. Além disso, hoje, sua importância reside no valor histórico e cultural para as pessoas que participaram efetivamente, suas famílias e para a população que a mantém viva no imaginário social. A importância histórica da Fábrica é indiscutível principalmente considerando o conjunto arquitetônico que organizou com

a instalação e que manteve até os anos setenta e oitenta do século vinte. Por ser uma área privativa, poucas pessoas têm acesso a suas dependências e isto propicia o afastamento da população frente a sua própria história que está circunscrita nas paredes do edifício.

Recomendações

Valorizar o potencial que o edifício da fábrica tem para tornar-se espaço museológico que se destine a abrigar o histórico da fábrica e da cidade, e outras atividades como fomentar debates sobre o patrimônio e a cultura material e imaterial do município, além de reflexões educativas diversas. Poderia também abrigar um espaço de culto ecumênico dando prosseguimento a existência da capela que funcionou durante cerca de oitenta anos dentro da fábrica.

Garantir a integridade do espaço arquitetônico, de modo a blindar a tomada e os interesses do Consórcio para que a população camaragibense não perca este bem cultural;

Executar, nos termos da lei, com vistas no resguardo da memória e gestão democrática da cidade, o tombamento pelo poder público que envolve a Prefeitura de Camaragibe, a FUNDARPE e o IPHAN;

Manutenção dos esforços da sociedade civil através do Inventário Participativo dos Bens Culturais e do Conselho Municipal de Cultura de Camaragibe na perspectiva de cobrar do poder público suas ações, bem como representar os interesses do povo no processo de tombamento.

Fonte: FUNDARPE; Tereza Collier; Foto: Divulgação

<w2.vatican.va/cntent/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>

<diretodosmanguezais.blogspot.com.br/p/fabrica-de-tecidos-que-construiu-uma.html>

<www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1637-5-janeiro-1907-582195-publicacaooriginal-104950-pl.html>

**Nome**

Gruta; Gruta Nossa Senhora de Lourdes.

História

Uma das versões para a história da Gruta de Lourdes em Camaragibe credita a sua instalação como pagamento de uma promessa feita por Carlos Alberto de Menezes à Nossa Senhora de Lourdes pelo livramento de um naufrágio em uma de suas viagens à Europa. Pela graça alcançada, teria encomendado duas imagens réplicas da santa de Lourdes, na França, para serem colocadas num morro alto do Recife, a imagem do Morro da Imaculada Conceição, e em Camaragibe, construída entre a Fábrica de Tecidos e a Vila Operária.

Pesquisa desenvolvida por Tereza Collier dá conta que a Companhia Industrial Pernambucana - CIP e seus trabalhadores, através da Corporação Operária de Camaragibe, enviaram um ex-voto a Lourdes, na França, em 1901. Na sequência é que a gruta em Camaragibe teria sido criada. Seria uma forma de pedir proteção para o empreendimento industrial que permitiria organizar a vida de tantas famílias, afirmando ao mesmo tempo a importância da figura materna, feminina.

Para a celebração dos 50 anos do dogma papal da Imaculada Conceição de Maria, em 1904, o bispo de Olinda e do Recife, D. Luiz de Brito, pediu a Carlos Alberto de Menezes que organizasse a criação de um grande monumento à Imaculada Conceição no morro do Arrayal, atual Morro da Conceição em Casa Amarela. O que resultou na construção da imagem da Santa Nossa Senhora da Conceição. Carlos Alberto de Menezes coordenou, junto a um grupo de pessoas e imprensa a campanha para levantar os recursos necessários para a construção do monumento no Morro do Arrayal. Seu nome, o de Pierre Collier e de outras pessoas envolvidas figuram em placa fixada à base da escultura.

O interior da Gruta é composto por um altar e suas paredes eram repletas de ex-votos. Hoje resta apenas um par de muletas e placas gravadas em mármore com agradecimentos às famílias Collier e Menezes. O bem está inserido na Praça da Gruta, espaço cercado por grades de ferro, em terreno que apresenta declive, onde a parte inferior recebeu passeios

O que é?

Gruta construída em devoção à Nossa Senhora de Lourdes, dotada de altar e imagem réplica da imagem de Lourdes, na França. O local é um espaço de religiosidade onde os católicos demonstram a sua fé em missas e eventos religiosos.

Onde está?

O bem está localizado na Praça da Gruta, entre as ruas Carlos Alberto de Menezes e Paulo Afonso, na Vila da Fábrica, Camaragibe, próximo à Fábrica de Tecidos (entrada principal) e à Praça de Eventos de Camaragibe. A área é continuidade do terreno da Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Períodos Importantes

1895 - 1901
Período da construção.

LUGARES

Gruta N. Sra de Lourdes

Materiais

A construção original é feita com pedras de diferentes tamanhos, simulando uma gruta natural.

Técnicas ou modos de fazer

As pedras são justapostas com uso de argamassa.

Medidas

Área: 2400m² (aprox.).
Perímetro: 200m (aprox.).

Vestígios

Ruínas de antiga construção localizada na parte superior do terreno. Pedra da Gruta com aproximadamente 20cm de diâmetro que teria sido trazida da cidade Soubirous, França, em troca de ex-voto concedido por Carlos Alberto de Menezes.

Atividades que acontecem no lugar

São realizadas missas, cerimônias de casamento, primeira comunhão, eventos religiosos, e também visitas de escolas. Ainda, é espaço de sociabilidades entre jovens da cidade que buscam vivências em um espaço que permite fortalecer as identidades coletivas. Configura-se como espaço de potencial turístico.

com piso em pedra granítica e jardins com plantas ornamentais e algumas árvores frutíferas. Na parede externa da gruta encontra-se uma pedra fincada em moldura metálica trazida da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, na França.

Significado

O espaço é um marco histórico e religioso da cidade, também de reconhecido valor turístico.

Pessoas envolvidas

Ordem do Sagrado Coração de Jesus, comunidade religiosa local, Prefeitura de Camaragibe.

Elementos naturais

Vegetação composta por árvores frutíferas, como mangueiras e jenipapos, e plantas ornamentais nos jardins.

Elementos construídos

Construção de pedras simulando uma gruta natural. Acima da abóbada de pedras encontra-se a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. Há uma grade de ferro com portão delimitando o acesso ao interior da construção, onde encontramos o altar para as cerimônias religiosas. À frente do espaço, bancos de cimentos em forma de semicírculo são utilizados pelos fiéis durante as missas. A Praça da Gruta, que envolve o bem cultural, tem todo o seu perímetro circundado por grandes de 1,50m de altura com dois portões de acesso que são mantidos abertos durante, quando

da presença dos zeladores no espaço. Jardins e passeios em pedras graníticas e cimento compõem a parte baixa do logradouro. A parte superior, posterior à construção da gruta, é acessada a partir de escadaria de cimento, mantendo o solo natural na maior parte do terreno.

Manutenção

A manutenção é realizada pela prefeitura de Camaragibe que mantém dois zeladores nos turnos da manhã e da tarde.

Conservação

O Gruta de Lourdes e sua praça encontram-se em estado de conservação regular, com grades e jardins mal cuidados e iluminação inadequada.

Avaliação

Instalação de sinalização turística vertical; melhoria da iluminação pública, realização de eventos que promovam a utilização do espaço, recuperação/adequação do gradil externo da praça de forma a otimizar a visualização do bem cultural e sua integração à paisagem do entorno.

Recomendações

Instalação de sinalização turística vertical; melhoria da iluminação pública, realização de eventos que promovam a utilização do espaço, recuperação/adequação do gradil externo da praça de forma a otimizar a visualização do bem cultural e sua integração à paisagem do entorno.

LUGARES

Guarany Esporte Clube

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

História

O Guarany Esporte Clube é fundado em 1920 por trabalhadores e diretores da Fábrica de Tecidos de Camaragibe. Seu nome é uma referência ao povo indígena Guarany e carrega as cores vermelho e azul.

O clube chegou a congregar 300 sócios, sendo o futebol o seu forte. O seu arquirrival, o Clube Penarol, fundado a partir de uma dissidência do Guarany, foi fundado em 1945. A rivalidade entre os clubes fazia com que os atletas, torcedores e simpatizantes de uma agremiação evitassem entrar no clube adversário, chegando ao extremo, muitas vezes, de evitar passar na frente das suas sedes. Contudo, o embate no campo entre os times só viria a acontecer na década de 1980, com direito a briga e confusão no gramado, em dois certames, sendo um empate e uma vitória do Penarol.

Entre 1952 e 1954, funcionou na sede do Guarany a “Voz Eletrônica”, um programa de rádio, difundido a partir de dois auto-falantes instalados na fachada do clube, que acontecia às segundas, quartas e sextas-feiras. A programação trazia músicas executadas a partir de toca discos e reclames do comércio local, com destaque para a resenha esportiva às segundas-feiras que trazia o resumo dos jogos realizados no domingo. A população se concentrava em frente ao clube, à Praça Antônio Luiz de Souza para acompanhar as notícias. As festas e os bailes também aconteciam na praça, embalados pelo toca-disco.

Uma crise financeira em 1956 levou a uma greve entre os funcionários do clube. O encerramento das atividades na sede se

deu em 1995, motivada pela mudança no perfil do público, sendo estas atividades retomadas a partir de 2017. O clube e seu patrimônio foi doado à comunidade da Vila da Fábrica pela diretoria da Companhia Industrial Pernambucana - CIP.

Significado

Seu significado, desde sua origem, sempre foi, e ainda hoje o é, reconhecido por ser um clube do povo. Para os que vivenciaram os tempos áureos do clube, lá encontravam uma segunda casa, como lembra Seu Joca, 80 anos de idade, jogador da equipe de voleibol do clube.

Pessoas envolvidas

A própria gestão administrativa (2018), composta por 21 diretores: 1 presidente; 1 vice-presidente; Diretoria executiva, Conselho Fiscal e Conselho Deliberativo. O quadro de sócios, que já chegou a possuir 300 membros, hoje não possui mais nenhum.

Atividades que acontecem atualmente no lugar

Escritório do clube, guarda do acervo, apresentações, eventos e shows musicais.



O que é?

Clube esportivo e social com registro profissional na Federação Pernambucana de Futebol. Realiza shows e eventos diversos em sua sede. No passado, possuía, além da equipe masculina de futebol de campo, equipes de voleibol e futebol de salão (modalidades masculina e feminina).

Onde está?

O Guarany Esporte Clube está localizado na Avenida Comendador Muniz Machado, no bairro da Vila da Fábrica, Camaragibe.

Períodos Importantes

1920
Fundação do Guarany Esporte Clube.

1952-1954
Funcionamento da Voz Eletrônica.

1995
Encerramento das atividades.

2010
Reestruturação.

LUGARES

Guarany Esporte Clube

Materiais

Sua arquitetura apresenta técnicas construtivas contemporâneas com uso de alvenaria, blocos cerâmicos, argamassas de cimento, estruturas em ferro e cobertura em telhas de alumínio e de cerâmica.

Elementos Construídos

O espaço da sede é composto, no térreo, por três salões, palco, bar, banheiros, bilheteria. No mezanino, que possui piso de madeira, há dois cômodos, um utilizado como depósito de materiais e do acervo e o segundo encontra-se interditado por conta do risco de desabamento. O forro acústico foi recentemente trocado, permitindo a realização de eventos musicais.

Medidas

Área construída: 482,80m² (aprox).

Perímetro da construção: 99,00m (aprox).

Manutenção e estado de conservação

A manutenção do clube é realizada pela diretoria. Apresenta bom estado de conservação (avaliação de 2017), mas ainda carecendo de reparos.

Avaliação

O clube encontra-se em processo de reestruturação, com pequenos reparos sendo executados. O foco da sua presidência é fortalecer o time de futebol. O espaço da sua sede apresenta-se como oportunidade para funcionamento enquanto equipamento cultural, com ampla área para mostras e eventos, integrando-se inclusive com diversos outros espaços históricos do seu entorno, a exemplo da praça pública, o Cineteatro Bianor Mendonça Monteiro, a Fundação de Cultura e o Barracão, que constituem juntos um circuito do patrimônio histórico da cidade.

Recomendações

Para ações/intervenções futuras, recomenda-se uma maior visibilidade e uso para o espaço e exposição do acervo histórico da agremiação. Uma série de atividades estão sendo idealizadas para a comemoração do centenário de fundação em 2020.

LUGARES

Igreja do Sagrado Coração de Jesus

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO
DOS BENS CULTURAIS
DE CAMARAGIBE



História

Surgindo como Paróquia da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, seu funcionamento teve início numa capela instalada na estrutura fabril da Companhia Industrial Pernambucana - CIP, no ano de 1894. Carlos Alberto de Menezes buscou implementar um modelo social com base no catolicismo, inspirando-se em experiências como a do Padre Léon Harmel cujo projeto desenvolvido na França versava sobre uma “família industrial”. À procura de novas formas de existência frente a um mundo industrial e de um modelo para o Brasil, Menezes trouxe para Camaragibe organizações católicas que tinham o foco na educação popular: Sagrado Coração de Jesus, Salesianos e a Sagrada Família. Os custos eram financiados pela CIP.

Nos anos 1970, com a solicitação de Antônio Carlos Azevedo de Menezes, gerente da indústria de tecidos e neto do fundador, a paróquia deixa de funcionar na capela existente no interior da fábrica e passa a funcionar no prédio onde hoje fica o Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro. Depois passa a funcionar na mesma rua, em lugar próprio na Vila da Fábrica

O novo espaço manteve a organização estabelecida na capela da fábrica, onde o espaço era organizado em três partes: (1) parte com imagem de Nossa Senhora, local onde as mulheres assistiam à missa; (2) eixo central com Altar-mor, onde repousava a imagem do Coração de Jesus, comportava as crianças e, posteriormente, as autoridades; e (3) parte posterior para os homens onde estava a imagem de São José.

Em 1983, iniciou-se a construção da nova igreja no local atual, contando com uma campanha realizada pela própria população e apoios da Prefeitura Municipal, do Sr. João Pereira, administrador da fábrica à época, e da Sra. Maria Anita Amazonas Mac Dowell.

A área social localizada no terreno posterior à igreja comporta uma farmácia de produtos fitoterápicos construída em 2005. Uma obra de ampliação do salão paroquial foi realizada em 2010. O terreno já foi ocupado no passado como Tiro de Guerra, espaço para o treinamento de tiro, e sede da Banda Municipal de Camaragibe

O que é?

Igreja pertencente à Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, Ordem fundada pelo Padre francês Dehon em 1878. A atual edificação foi construída em 1984.

Onde está?

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus está situada à Avenida Doutor Pierre Collier, esquina com a Rua Paulo Afonso, no bairro da Vila da Fábrica, em Camaragibe.

Períodos Importantes

10 de Junho
Festa do Padroeiro de Camaragibe / Sagrado Coração de Jesus

29 de abril de 1984
Data de inauguração.

LUGARES

Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Materiais

O volume arquitetônico é cercado por gradil metálico que permite a visualização da construção em alvenaria com esquadrias de madeira e vidro; algumas paredes com fechamento em cobogó de concreto que facilitam a ventilação e iluminação naturais; revestimento do piso externo em lajota de cimento e granilite na área interna; parede do altar-mor revestida com placas cimentícias e as demais em argamassa pintada; telhado com estrutura em madeira e telhas cerâmicas tipo francesa.

Técnicas ou modos de fazer

Uso de técnicas modernas; uso de elementos permeáveis, como o cobogó; uso abundante de madeira nos elementos estruturais e esquadrias

Medidas

Área do terreno: 709,75m² (aprox)

Perímetro do terreno: 107,70m² (aprox)

Área da igreja: 357m² (aprox)

Perímetro da igreja: 84,20m² (aprox)

Área da construção da torre: 13,40m²

Significado

Significado religioso e histórico desde seu uso na fábrica até o local atual.

O bem fixa uma prática religiosa e uma tradição espiritual na vila operária de Camaragibe, vinculando a Ordem do Sagrado Coração de Jesus com o projeto social do industrial Carlos Alberto de Menezes

Pessoas envolvidas

Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, equipe da igreja, população.

Elementos naturais

Árvores na parte posterior da edificação, na área limítrofe com a praça que envolve a Gruta Nossa Senhora de Lourdes.

Elementos construídos

A edificação da igreja, torre de sino na sua lateral esquerda e anexo onde funciona a farmácia e a produção de fitoterápicos.

Atividades que acontecem no lugar

Missas e celebrações, atividade de produção e comercialização de medicamentos fitoterápicos.

Manutenção

Realizada por administração religiosa local que periodicamente realiza a renovação da pintura, além de pequenos reparos no edifício.

Conservação

A igreja apresenta bom estado de conservação (avaliação de 2017), necessitando apenas de melhorias no paisagismo e iluminação de seu entorno.

Avaliação

O bem se destaca do conjunto arquitetônico por sua expressão moderna, com águas em ângulo agudo e pelo uso de materiais como o cobogó, vidro e madeira.

Recomendações

Para ações/intervenções futuras, recomenda-se a lavagem das telhas cerâmicas do telhado, sem a necessidade de troca de todas as peças devido goteiras e outros possíveis problemas; Valorização e conservação da igreja como marco arquitetônico e elemento da história da vila operária.

LUGARES

República dos Solteiros

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

Nome

República dos Solteiros, Casarão, atual sede da Fundação de Cultura de Camaragibe.

História

Com a criação da Fábrica de Tecidos de Camaragibe no final do Século XIX e sua vila operária, uma das primeiras da América Latina, a antiga República dos Solteiros foi construída entre 1895 e 1900 para servir de acomodação para trabalhadores solteiros, servindo de residência aos operários por quase 100 anos.

O imóvel, que em sua planta original, era composto por seis quartos no pavimento superior, sendo cada ambiente ocupado, em média, por 3 ou 4 rapazes. No térreo, as seis dependências serviam a pequenos estabelecimentos comerciais, além de uma banheiro coletivo. Entre os pequenos negócios que se estabeleceram no casarão, está a Barbearia São Luiz, ainda hoje em funcionamento, além de uma sapataria e sorveteria que já não funcionam mais.

Sede da Fundação de Cultura de Camaragibe desde a sua criação em 1997, o espaço abriga a parte administrativa da autarquia no pavimento superior e a Galeria Vila, no térreo que já deu lugar ao Centro de Memórias Carlos Alberto de Menezes com uma exposição permanente com o tema da Fábrica de Camaragibe.

Relatos falam da existência de uma segunda república de solteiros construída no local, hoje, ocupado pela Praça Antônio Luiz de Souza, também conhecida como Praça do Guarany, tendo sido demolida, possivelmente, na década de 1960, após um crime ocorrido no local.

Significados

Atuando como Fundação de Cultura de Camaragibe, compete a esse órgão elaborar, executar e coordenar a política cultural do município, proporcionando à população maior acesso aos bens culturais com vistas na participação democrática e participativa da população. É papel, também, fomentar as políticas culturais no município ao longo do ano, abrangendo ações com segmentos artísticos, como: Artes Cênicas, Artes Plásticas, Audiovisual, Literatura, Música, Patrimônio e Cultura Popular. Além disso, como República dos Solteiros, há o significado simbólico ligado diretamente com os moradores que viveram nessa época.



O que é?

Casarão em estilo Neocolonial, construído em 1895, com o advento da construção da vila operária. Funcionava como residência para os rapazes solteiros que vinham trabalhar na Fábrica de Tecidos Camaragibe. O edifício pertencente à municipalidade é hoje sede da Fundação de Cultura de Camaragibe e abriga, em seu pavimento térreo, a Galeria Vila, equipamento voltado para a linguagem das artes visuais. No pavimento inferior temos ainda a Barbearia São Luiz, estabelecida há mais de seis décadas no imóvel.

Onde está?

A antiga República dos Solteiros está localizada no bairro da Vila da Fábrica, à Avenida Doutor Pierre Collier, s/n.

Contato

Telefone: (81) 3484-2687

LUGARES

República dos Solteiros

Materials

Tijolos cerâmicos, madeira e granito.

Medidas

Área do terreno: 376,30m² (aprox.).

Perímetro do terreno: 82m² (aprox.).

Área da edificação: 175,30m² (aprox.).

Perímetro da edificação: 54,40m² (aprox.).

Atividades que acontecem no lugar

Atividades administrativas da Fundação de Cultura de Camaragibe, autarquia vinculada à Prefeitura de Camaragibe que elabora e executa políticas voltadas aos segmentos culturais da cidade e atividades expositivas e educativas da Galeria Vila.

Pessoas envolvidas

Fundação de Cultura de Camaragibe.
Prefeitura de Camaragibe.

Elementos construídos

O casarão da antiga República dos Solteiros ocupa o centro de um lote de destaque no bairro da Vila da Fábrica, entre as avenidas Pierre Collier e Comendador Muniz Machado, primeiras vias a serem traçadas no bairro operário e duas travessas destas avenidas. A construção é rodeada por um passeio de paralelepípedos e possui dois pavimentos. As paredes são em alvenaria estrutural com tijolos maciços de cerâmica, piso do térreo em granilite, piso superior e forro de madeira e cobertura em 4 águas com estrutura de madeira e telhas do tipo capa-canal. O prédio possui guarda corpo e alpendre de madeira em toda a extensão do perímetro do pavimento superior.

Manutenção

A manutenção é realizada por uma funcionária vinculada à Prefeitura de Camaragibe.

Conservação

É regular o estado de conservação do imóvel. São necessários reparos nos pisos internos e externos de madeira e no guarda-corpo do alpendre.

Avaliação

O imóvel ocupa um localização privilegiada no bairro histórico da Vila da Fábrica, compondo com outros bens de importância histórica, como é caso da antiga Escola das Irmãs, o Barracão da Vila, a Praça do Guarany e o Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro, um circuito patrimonial que pode ser explorado em vivências voltadas à educação patrimonial e ao turismo. A galeria é um importante atrativo para dar uso ao espaço e ocupação do equipamento cultural. É possível pensar adequações estruturais que permitam o acesso de cadeirantes e outras pessoas com mobilidade reduzida.

Recomendações

São necessárias obras de restauro na edificação e adequação do imóvel para garantir acessibilidade para pessoas com deficiência (PCD). A ampliação da Galeria Vila, fazendo uso de toda a área do casarão, ofereceria novas possibilidades de experiências nas artes visuais, com espaços voltados para capacitações, palestras, etc.

OBJETOS

Pedra da Gruta de Lourdes

História

Carlos Alberto de Menezes, fundador da Companhia Industrial Pernambucana, em promessa à Nossa Senhora de Lourdes para livramento de um naufrágio, teria doado duas imagens da santa em 1892 para Camaragibe e para o Recife. Uma imagem maior, que seria colocada no alto de um morro da capital pernambucana, a imagem de Nossa Senhora da Conceição (atual Morro da Conceição) e uma segunda, menor, réplica da imagem de Nossa Senhora de Lourdes francesa, colocada próximo à Fábrica de Tecidos de Camaragibe, em uma gruta construída para abrigá-la. A Pedra da Gruta encontra-se encravada na fachada da construção em uma moldura metálica.

Períodos Importantes

Durante os meses de maio, junho, outubro e dezembro, a comunidade católica segue até a Gruta de Lourdes para prestar suas homenagens e fazer os seus pedidos e agradecer as graças alcançada à Nossa Senhora de Lourdes, através do terço, das missas, novenas e outros ritos religiosos.

Significado

Segundo os fiéis, ao tocar a Pedra da Gruta de Lourdes, é possível ter a fé renovada e fazer pedidos à santa. O objeto é reificado ao vincu-

lar-se direto com o local da aparição de Nossa Senhora de Lourdes, na França.

Pessoas envolvidas

Representantes da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em especial o Terço dos Homens, Filhas de Maria do Coração de Jesus e as Mães Cristãs.

Materiais

Pedra em formato arredondado com diâmetro aproximado de 20cm, fixada a partir de moldura metálica parafusada à fachada também de pedras.

Conservação

Contida na fachada da Gruta, protegida por gradis metálicos, encontra-se bem conservada.



O que é?

Pedra trazida da Gruta de Lourdes, na cidade Soubirous, na França, por ordem de Carlos Alberto de Menezes. Encontra-se em uma moldura de metal, presa por quatro grandes parafusos de cabeça torneada, com mais de 100 anos. Importante referência para os católicos de Camaragibe desde o surgimento da Gruta no início do século XX.

Onde está?

Localizada na Gruta de Lourdes, construída na Vila da Fábrica entre a Rua Carlos Alberto de Menezes e a Rua Manoel Honorato da Costa, A “Pedra de Lourdes” encontra-se encravada entre outras pedras que compõem as paredes do santuário.

OBJETOS

Pedra da Gruta de Lourdes

Manutenção

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus e a Prefeitura Municipal de Camaragibe são responsáveis pela manutenção do local que conta com dois zeladores. Nos eventos, os participantes também colaboram na limpeza do espaço e na decoração.

Atividades relacionadas ao objeto

Missas e eventos religiosos que acontecem na Gruta, principalmente no natal e na festa do padroeiro, realizado no dia 10 de junho.

Avaliação

O objeto incorporado à construção da Gruta de Lourdes mantém-se conservado. Porém, a grade de proteção da construção impedem a sua visibilidade.

Recomendações

Tombamento do objeto e da Gruta para fortalecimento do seu valor histórico e incentivo a ações de salvaguarda. É importante dar mais visibilidade e trazer maiores informações aos visitantes por meio de sinalização.

PESSOAS

Beto Hortis

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE



Nome

Beto Hortis (João Roberto de Santana Alves)

História

Produtor Musical, arranjador, cantor e compositor, João Roberto de Santana Alves, Beto Hortis, nasceu em Camaragibe em 1974 e é atualmente morador do bairro do Timbi. Neto de sanfoneiro, seu avô materno Vitor Ihe deixou uma sanfona de 80 baixos, entregue por sua mãe quando esse veio a falecer. Aos 11 anos de idade, passou a fazer parte da banda marcial do Colégio Gradiente, onde executava as músicas na sanfona e na corneta, junto com seu professor Moisés. Com 13 anos conheceu o Seu Luiz dos 8 baixos no antigo Forró do Seu Joca, na Rua Eliza Cabral de Souza, subida do Carmelo. Seu Joca, morador do Bairro Novo, apresenta o garoto ao Seu Bibiu, no Buraco Fundo (Bairro dos Estados), que tocara com o avô de Beto no “Urso de Seu Mariano” (Urso Preto de Mariano). Com este, descobre o verdadeiro significado da sanfona, aprendendo as técnicas do instrumento. Os encontros e aprendizados na casa de Bibiu se davam aos domingos e, em seguida, diariamente. Outro mestre com o qual Beto pode aprender técnicas do acordeon foi Seu Juarez. Sua estreia nos palcos foi com Toinho de

Surubim que já havia profetizado ao vê-lo tocar: “Esse menino tem muito futuro”. Após a temporada com Toinho, ingressa na Banda Feijão com Arroz, do Recife.

Durante três anos, Beto Hortis tocou com Jorge de Altinho de quem recebe uma sanfona adquirida a Gennaro, um dos maiores acordeonistas do país, e já havia passado pelas mãos de Luiz Gonzaga, e deveria ser paga com shows. Contudo, depois do primeiro show, o artista desiste de cobrar pelo instrumento.

A partir do convite da “Rainha do Forró” Eliane para integrar a sua banda, percorreu todo o Brasil, mudando-se para Fortaleza/CE. A nova fase da sua carreira trouxe reconhecimento nacional para o músico que acompanhou ainda a Banda Magníficos por 6 anos e o forrozeiro Alcymar Monteiro. Participou da gravação de DVDs de Maciel Melo, Petrúcio Amorim e Elba Ramalho.

Em 2006, foi campeão do Festival do Frevo do Recife com a música

Quem é?

Cantor, compositor, instrumentista, arranjador e produtor musical.

Onde está?

Reside no bairro do Timbi, em Camaragibe

Períodos importantes

03 de setembro de 1974 Data de nascimento

2006

Gravação do primeiro CD em sua carreira solo

2008

Vencedor do Concurso de Acordeonistas de Limoeiro do Norte/CE, representando Camaragibe.

Contato

Telefone: 81 99948-5841

PESSOAS

Beto Hortis

Recifoleando e no I Festival do Frevo da Humanidade (2013), promovido pela prefeitura do Recife, venceu na categoria Frevo de Rua apresentando “Com que saudade Seu Dominginhos” em homenagem ao mestre de Garanhuns. Em parceria com a Banda Sinfônica do Recife, abriu as portas da música instrumental para os ritmos regionais. Beto Hortis tem desenvolvido ainda projetos com Maestro Spok e Orquestra

Seu primeiro CD de 2006 dá início a sua carreira solo e contou com participações especiais de Dominginhos, Oswaldinho, Santana, Alcymar Monteiro e Seu Bibiu. Em 2010, passa a acompanhar Geraldo Azevedo, participando da gravação do 1º DVD do cantor e compositor de Petrolina.

É da sanfona que Hortis tira o seu sustento, com a qual dá continuidade ao legado dos mestres Gonzaga e Dominginhos, além de reverenciar a história do seu avô materno, expressando seus sentimentos através da sua música.

Recomendações

O músico acredita que é necessário um forte trabalho nas escolas de forma articulada para mostrar o valor histórico e cultural do forró e da sanfona, com maior apoio governamental para envolver os jovens nesta importante manifestação regional, frente à ameaça que este gênero musical vem sofrendo. O seu grande sonho é abrir uma escola de música em sua cidade voltada para as crianças, sobretudo as mais carentes, para que possam ocupar suas mentes e sua vida com essa forma de expressão.

PESSOAS

Jota do Acordeon

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

História

Nascido em São Lourenço da Mata e morador de Camaragibe, José Severino é conhecido popularmente como Jota do Acordeon. Seu primeiro contato com a sanfona foi aos 12 anos de idade, um instrumento adquirido por seu irmão que o vende dois anos mais tarde. Dos 14 aos 22 anos de idade, quando adquiriu sua primeira sanfona com o “suor do seu trabalho”, tocava com instrumentos emprestados. Músico auto-didata, aprendeu a tocar observando os primos e amigos. Era com Lula do Acordeon que afinava o seu instrumento e com quem pode absorver conhecimentos para sua formação como músico profissional. Sua trajetória no Forró permitiu conhecer importantes nomes das artes como Ariano Suassuna, Luiz Gonzaga, Dominginhos, Genaro, Camarão, Sivuca, Oswaldinho, entre outros.

A Bandinha Nordestina, seu primeiro trio com amigos montado em 1975, depois renomeada para Banda Moinho D'água, realiza os seus primeiros shows em Camaragibe, no Recife e em São Lourenço da Mata. Em 1990 surge a banda Moinho D'água, ainda em atividade. O primeiro registro fonográfico da banda se dá em 1993, em fita cassete, quando expande suas apresentações para fora de Pernambuco, indo tocar em outros estados do Nordeste: Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba e

Rio Grande do Norte, mantendo também sua atuação em Camaragibe e redondezas. Jota do Acordeon e sua Banda Araçá conta hoje com 3 CDs gravados. O artista tem se dedicado a vários projetos e eventos da cidade e sonha em produzir um material audiovisual para registrar a história da banda.

Para Jota do Acordeon, a sanfona tem um valor fundamental em sua vida, como pessoa e como profissional da música. Possibilitou encontros e o sustento financeiro. Em suas palavras, “faz esquecer dos problemas”. Jota faz o apelo para que a população e os governantes apoiem e valorizem a cultura nordestina e o forró, abrindo mais espaço para o segmento em Camaragibe e no

Recomendações

Produção de material audiovisual para registrar a história da Banda Moinho D'água.



Quem é?

Sanfoneiro e músico profissional

Local de nascimento

São Lourenço da Mata. Atualmente mora no bairro do Timbi, Camaragibe.

Períodos importantes

04/08/1951
Nascimento

1975
Formação do primeiro trio, A Bandinha Nordestina.

1990/Atualmente
Formação da banda Moinho D'Água.

1993
Primeira gravação, em formato de fita cassete.

Contato

Telefone: (81) 98885-2039

PESSOAS

Seu Borba

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

História

Nascido e criado em Camaragibe, no Alto do Cemitério, Seu Borba (1944), recebe o apelido de Lála (Borba) da sua mãe, Maria Assunção Ferreira, professora da Escola das Irmãs da Sagrada Família, de quem escutou as primeiras histórias. Seu pai, Ricardo Borba Ferreira, foi um dos primeiros fotógrafos atuantes na cidade, fazendo fotografia social e atuando como fotógrafo da Prefeitura de São Lourenço, quando Camaragibe pertencia a este município. Aos quatro anos de idade, a família se muda para a Vila da Fábrica. É com o pai que irá aprender o ofício no qual se dedicou durante quase 30 anos. Em seu próprio estúdio fotográfico, de 1976 a 1993 e na Assessoria de imprensa da Prefeitura de Camaragibe, de 1993 a 2004. Por hábito, costumava fotografar times de futebol e aniversários de conhecidos.

Com um governo progressista instalado no final dos anos 1990, a cidade passou por um período de efervescência cultural. Seu Borba, constatando a escassez de registros históricos disponíveis sobre Camaragibe, passa a pesquisar e tomar notas dos marcos de uma história a ser revelada a partir de 1997. Começa sua investigação pelo Engenho Camaragibe e pelo Engenho Timbi, seguindo outras

piastas dos demais marcos histórico-culturais locais. As pesquisas realizadas por entrevistas eram registradas em áudio, com um gravador de fita K-7, e em anotações apenas. Também utilizava publicações como fontes secundárias. O exemplar do catálogo da Companhia Industrial Pernambucana e Fábrica de Tecidos de Camaragibe, editado por ocasião da Exposição Nacional de 1908, com preciosas informações da fábrica e da sua vila operária, herdou da sua mãe. Trabalhou na Fábrica de Tecidos de Camaragibe por um ano, na “sala de pano”, local onde se verificava os tecidos antes de seguirem para a expedição.

Juntando e registrando informações e contando histórias, Borba passa a ser reconhecido, e requisitado para multiplicar seus conhecimentos. Passa a dar entrevistas em rádios locais, palestras em escolas, bem como em encontros informais, para contar o que apreendeu em suas pesquisas. Chegou a ser contratado pela Fundação de



Quem é?

Seu Borba, nascido e criado em Camaragibe, é um pesquisador, historiador e educador popular da cidade.

Local de nascimento

Rua Padre Ozéas (rua da mistura), Alto do Cemitério (Alto do Monte Alegre), Vila da Fábrica, Camaragibe.

Períodos importantes

21 de agosto de 1944

Nascimento

1976

Abre um estúdio fotográfico no Bairro Novo; Falecimento do seu pai

1997

Início das pesquisas sobre Camaragibe.

Contato

Telefone: (81) 99859-2825

E-mail: rivaldo.borba44@gmail.com

Objetos importantes

Ao longo dos últimos 20 anos, Lála Borba constituiu um acervo documental composto por fotografias impressas e digitais, livros e objetos diversos que contam a história do município e alguns de seus personagens.

Modos de fazer ou técnicas

As pesquisas são realizadas a partir de entrevistas e fontes secundárias, em livros e na web. As notas são tomadas em anotações manuscritas e depois complementadas em resumos digitados.

Transmissão do saber

A transmissão do saber se dá informalmente, no contato do dia a dia com a população, através de programas de rádios, a exemplo do 'Manhã da Saudade', e a partir de palestras organizadas sobretudo pelas escolas municipais e estaduais. As atividades são desenvolvidas exclusivamente por Borba, não havendo ainda outras pessoas que possam dar continuidade a este trabalho

Cultura da cidade com o objetivo de repassar seus saberes. Para Lála Borba, a história de Camaragibe está dividida em 3 partes: (1) os engenhos Camaragibe e Timbi, a partir do Século XVI; (2) a instalação da Fábrica de Tecidos e sua Vila Operária, no final do Século XIX; e (3) a evolução urbana que se dá a partir dos novos loteamentos, a partir da década de 1950, com a formação de novos bairros e vilas. Um novo ciclo também se estabeleceria com a emancipação da cidade ocorrida em 1982.

Significados

O significado do trabalho de Seu Borba é o de compartilhador do conhecimento acerca da história da cidade. Ele cumpre o papel de articular passado e presente do lugar e dos moradores.

Estrutura e recursos necessários

Nas palestras, onde os conteúdos são repassados, Seu Borba utiliza dois banners impressos em lona vinilica com dimensões aproximadas de 2,00 x 1,00 m, com reprodução de diversas fotografias históricas de Camaragibe como suporte visual das suas explanações. As imagens servem também para atrair a atenção do público que sempre fica curioso com as imagens do passado da cidade. Cada banner possui 28 fotografias, A maioria

reprodução do acervo da família Collier, hoje em poder da Fundaj, e as demais do acervo do próprio Borba e do seu pai.

O convite para as apresentações podem partir das escolas, assim como o próprio Borba também oferece a atividade aos professores e responsáveis pelas unidades de ensino.

Avaliação

É com prazer que Seu Borba compartilha o seu conhecimento. Ele tem a consciência da necessidade de repassar estes saberes para que possam ser multiplicados, sobretudo pelos mais jovens para manutenção do conhecimento da nossa própria história. Contudo, ele vem desenvolvendo o seu trabalho de historiador e educador popular sem o merecido apoio.

Recomendações

Uma recomendação importante é dar maior apoio e visibilidade às ações de multiplicação desse conhecimento que vem sendo realizadas de forma espontânea mas que podem ser repassadas ao corpo docente das escolas, integrar conteúdos letivos para os estudantes, auxiliando na compreensão da história e do patrimônio cultural da cidade. O repasse destes conhecimentos pode ser realizado a partir de palestras, seminários, criação de conteúdos audiovisuais publicáveis no ambiente web e maior interação a partir de dispositivos informacionais e redes sociais.



*** CULTURA ***
CAMARAGIBE

